



Marcos Jorge Dias
Maria Letícia Marques
(Organizadores)

Chico Mendes na COP 30

Por que mataram Chico Mendes?

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

356

SENADO FEDERAL



Naquela noite quente e úmida de 22 de dezembro de 1988, em Xapuri, um único tiro de escopeta fez mais de 20 pequenas perfurações no peito de Francisco Alves Filho, contadas por seu amigo Julio Nicácio. Chico Mendes atravessava a porta dos fundos com uma toalha a caminho do banheiro, localizado fora de sua casa, no quintal. Com o disparo, caiu de volta dentro do barraco de madeira. “Me acertaram...!”, disse ao tombar sobre o assoalho de madeira. Chico se esforçava em dizer mais uma frase, que a esposa, os filhos e os policiais responsáveis por sua segurança não conseguiram entender.

POR QUE MATARAM CHICO MENDES?



Angela Maria Feitosa Mendes
Júlio Barbosa de Aquino
(Apresentação)

Angela Mendes
Antonio (Toinho) Alves
Cecília Mendes
Elenira Mendes
Elson Martins
Genésio da Natividade
Gomercindo Rodrigues
Ilzamar Gadelha Mendes
Jorge Viana - Lúcio Flávio Pinto
Luiz Eduardo Greenhalgh
Luiz Inácio Lula da Silva
Márcio Thomaz Bastos
Nilo S. Melo Diniz - Nilson Mendes
Pedro Tierra - Raimunda Bezerra
Rosa Roldán - Sabá Marinho
Siã Kaxinawá - Sueli Bellato
Zuenir Ventura

Marcos Jorge Dias
Maria Leticia Marques
(Organização)



Xapuri Editora
Outono 2025



Senado Federal

Mesa

Biênio 2025/2026

Senador Davi Alcolumbre

Presidente

Senador Eduardo Gomes

1º Vice-Presidente

Senador Humberto Costa

2º Vice-Presidente

Senadora Daniella Ribeiro

1ª Secretária

Senador Confúcio Moura

2º Secretário

Senadora Ana Paula Lobato

3ª Secretária

Senador Laércio Oliveira

4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador Chico Rodrigues

Senador Styvenson Valentim

Senador Mecias de Jesus

Senadora Soraya Thronicke

Conselho Editorial

Senador Randolfe Rodrigues

Presidente

Esther Bernerguy de Albuquerque

Vice-Presidente

Conselheiros

Alexandre de Souza

Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flávia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Caichio

Esmeraldina dos Santos

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Vaz Chervenski

Victorino Coutinho Chermont
de Miranda

CHICO MENDES NA COP 30

06

POR QUE MATARAM CHICO MENDES?



Angela Maria Feitosa Mendes
Júlio Barbosa de Aquino
(Apresentação)

Angela Mendes
Antonio (Toinho) Alves
Cecília Mendes
Elenira Mendes
Elson Martins

Genésio da Natividade
Gomercindo Rodrigues
Ilzamar Gadelha Mendes
Jorge Viana - Lúcio Flávio Pinto
Luiz Eduardo Greenhalgh

Luiz Inácio Lula da Silva
Márcio Thomaz Bastos
Nilo S. Melo Diniz - Nilson Mendes
Pedro Tierra - Raimunda Bezerra
Rosa Roldán - Sabá Marinho
Siã Kaxinawá - Sueli Bellato
Zuenir Ventura

Marcos Jorge Dias
Maria Leticia Marques
(Organização)

PARCERIA



Edições do Senado Federal, vol. 356

Copyright 2025 @ Comitê Chico Mendes

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, em vigor no Brasil desde 2009. Expressões próprias dos povos da floresta e das lutas de resistência foram mantidas na forma em que aparecem nos depoimentos e documentos de referência.

Preparo Editorial - Revista Xapuri: Capa - Leonardo Matoso. **Projeto Gráfico** - Emir Bocchino, Zezé Weiss. **Pesquisa** - Angela Mendes, Arthur Wentz Silva, Eduardo Pereira, Jailanne Maria da Costa de Almeida, Janaina Faustino, Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Organização** - Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Revisão** - Arthur Wentz Silva, Janaina Faustino, Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques. **Edição** - Zezé Weiss. **Diagramação** - Emir Bocchino. **Produção** - Janaina Faustino.

Depoimentos e Textos: Angela Mendes, Antonio (Tinho) Alves, Cecília Mendes, Elenira Mendes, Elson Martins, Genésio da Natividade, Gomercindo Rodrigues, Jorge Viana, Lúcio Flávio Pinto, Luiz Eduardo Greenhalgh, Luiz Inácio Lula da Silva, Márcio Thomaz Bastos, Nilo S. Melo Diniz, Nilson Mendes, Pedro Tierra, Raimunda Bezerra, Rosa Roldán, Sabá Marinho, Siã Kaxinawá, Sueli Bellato, Zuenir Ventura. **Imagens:** Acervo Comitê Chico Mendes, Acervo CTA, Acervo PT, Antonio Lara/Agência O GLOBO/ Comitê Chico Mendes, Miranda Smith, STR de Xapuri. **Coordenação:** Comitê Chico Mendes, Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS). **Parcerias:** Fundação Banco do Brasil, Senado Federal.

Por que mataram Chico Mendes? / Angela Maria Feitosa Mendes, Júlio Barbosa de Aquino (apresentação) ; Arison Jardim ... [et al.] ; Marcos Jorge Dias, Maria Letícia Marques (organização). -- [S. l.] : Xapuri Editora ; Brasília : Senado Federal [impressor], 2025.
110 p. : il. -- (Edições do Senado Federal ; v. 356)
(Chico Mendes na COP 30 ; n. 06)

ISBN: 978-65-5676-654-6

1. Conservação da natureza, Brasil. 2. Ambientalismo. 3. Amazônia, conservação. 4. Mendes, Chico, 1944-1988, homenagem póstuma. I. Mendes, Angela Maria Feitosa. II. Dias, Marcos Jorge, org. III. Marques, Maria Letícia, org. IV. Série.

CDD 333.72

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO COP30

A realização da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), pela primeira vez sediada na Amazônia brasileira — em Belém, no estado do Pará —, representa um marco histórico e uma oportunidade singular para o Brasil reafirmar seu compromisso com a preservação ambiental e com a construção de um futuro sustentável e justo. Em um mundo cada vez mais impactado por eventos extremos como secas prolongadas, inundações, incêndios florestais e o avanço do nível dos oceanos, a conferência desponta como espaço crucial para reverter trajetórias de destruição e reafirmar o compromisso global com a sustentabilidade. Esta cúpula multilateral carrega a responsabilidade de transformar promessas em ações concretas. O que está em jogo não é apenas o futuro das próximas gerações, mas o presente de milhões que já enfrentam os efeitos da degradação ambiental.

É nesse contexto que o Conselho Editorial do Senado Federal lança a Coleção COP30, um conjunto de obras que expressa o esforço do Parlamento em contribuir com o debate climático a partir de múltiplas perspectivas: científica, literária, educativa e política.

Destaco, com especial alegria, que Macapá — a capital do meu amado estado — será subsede desta conferência histórica. Para nós, amapaenses, que vivemos no estado mais preservado do Brasil, trata-se de uma ocasião ímpar para apresentar ao mundo nossas riquezas naturais, nossa cultura vibrante e o valor da

nossa gente. Somos guardiões de parques, de unidades de conservação, de rios que alimentam a terra e o espírito. Somos prova viva de que é possível manter a floresta em pé e, ao mesmo tempo, construir um modelo de desenvolvimento baseado nos frutos da floresta e nas potencialidades do território. Aliás, quem nunca viu o Amazonas não conhece o Brasil em sua inteireza. Ser banhado por esse rio é um privilégio imensurável. A COP30 será também o momento de mostrar nossas urgências. Nosso povo precisa de dignidade, de oportunidades, de justiça social. Preservar a floresta é inadiável; garantir justiça para quem nela vive é igualmente essencial.

A coleção apresenta reflexões sobre a Amazônia em toda a sua complexidade humana, cultural e ambiental. Reúne narrativas que resgatam memórias e vivências das populações tradicionais, análises profundas sobre a realidade socioambiental brasileira e textos voltados à educação e à sensibilização das novas gerações. Essas obras revelam os desafios enfrentados pelo país diante das mudanças climáticas, ao mesmo tempo que apontam caminhos possíveis para uma transição justa, com metas efetivas de redução das emissões de gases de efeito estufa, ampliação do uso de energias renováveis, preservação de ecossistemas e fortalecimento de políticas públicas voltadas à adaptação dos territórios e à proteção das populações mais vulneráveis.

A emergência climática impõe também a mobilização de recursos financeiros para que países em desenvolvimento possam implementar medidas concretas de mitigação e adaptação de forma justa e equitativa.

Como alertou o Papa Francisco, em sua memorável encíclica *Laudato Si'*, “o impacto mais grave das mudanças climáticas recai sobre os mais pobres”. Por isso, qualquer solução ambiental verdadeiramente sustentável deve estar comprometida também com a superação das desigualdades sociais entre pessoas e entre nações.

Nesse sentido, os livros da Coleção COP30 dialogam com as discussões mais atuais sobre financiamento climático e sobre a urgência de mecanismos internacionais mais eficazes e solidários. Ao mesmo tempo, reforçam a centralidade da justiça climática, compreendida como a garantia de que nenhuma comunidade seja deixada para trás, especialmente aquelas que, historicamente, mais contribuíram para a preservação dos ecossistemas: povos indígenas, comunidades ribeirinhas, quilombolas e demais grupos tradicionais.

A COP30 convida o mundo a escutar a floresta e seus guardiões, a considerar o saber ancestral em diálogo com a ciência e a construir pactos justos e eficazes em defesa da vida no planeta. A escolha da Amazônia como sede não é apenas simbólica: representa o reconhecimento da centralidade dos biomas tropicais e da urgência em protegê-los. Afinal, o que acontece na Amazônia repercute em todo o planeta.

Com títulos como *Estudos da Amazônia Contemporânea*, *Cuidando da Nossa Terra*, *30 Anos de Floresta*, *Os Balateiros do Maicuru*, *Os Naufragos do Carnapijó*, *O Ouro do Jamanxim* e as versões adulta e infantil da *Carta da Terra*, a coleção propõe uma visão ampla, plural e engajada do papel do Brasil — e de suas instituições — no enfrentamento da crise climática. In-

clui ainda a *Coletânea Chico Mendes*, com seis volumes dedicados à vida, à luta e ao legado de um dos maiores defensores da floresta e dos povos amazônicos, além da *Coleção Amazoniçidades*, que valoriza os saberes locais e a diversidade cultural da região.

Mais que um conjunto de publicações, a Coleção COP30 é uma contribuição concreta do Senado Federal para a construção de uma consciência climática pautada na ciência, na democracia e nos direitos humanos. É a expressão de um compromisso com o futuro — um futuro que precisa ser construído agora, com responsabilidade, coragem e solidariedade.

Senador Randolfe Rodrigues
Presidente do Conselho Editorial do Senado Federal

APRESENTAÇÃO

Em novembro de 2025 o Brasil sediará, na cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, ou simplesmente Belém do Pará, capital do estado amazônico do Pará, a 30ª Conferência Anual das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 30).

Ali, às margens do rio Amazonas, os povos das florestas, dos campos e das águas; as comunidades tradicionais dos seis biomas brasileiros – Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal e Pampas; e os povos gerais do mundo buscarão, uma vez mais, encontrar caminhos para, como um dia disse Chico Mendes, “salvar a própria vida no planeta Terra.”

Referendado em legislação federal vigente (Lei 12.892/2013), Chico Mendes é, no Brasil, o Patrono Nacional do Meio Ambiente. Portanto, nada mais justo do que destacar, na COP 30, a memória e o legado do maior ambientalista brasileiro de todos os tempos.

Esta coletânea, “Chico Mendes na COP 30”, contribui com este objetivo. São livros simples, organizados a partir de depoimentos e textos escritos por companheiros e companheiras de Chico Mendes, ao longo do tempo. Que sua leitura possa envolver corações e mentes com a paz planetária um dia sonhada por Chico Mendes.

Angela Maria Feitosa Mendes
Presidenta do Comitê Chico Mendes

Júlio Barbosa de Aquino
Presidente do CNS

CRÉDITOS E REFERÊNCIAS

Em grande parte, os textos que compõem este livro, “Por que mataram Chico Mendes?”, foram extraídos das páginas do livro “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, de Gomercindo Rodrigues, publicado pelas editoras UFAC/Xapuri, 2015. As citações de Nilo S. Melo Diniz são do livro dele, “Chico Mendes: Um Grito no Ouvido do Mundo”, editora Appris, 2019. Os demais depoimentos e textos foram extraídos da 3ª edição do livro Vozes da Floresta, publicado pela editora Xapuri, 2024. Os conteúdos todos foram organizados por Marcos Jorge Dias, professor, jornalista e escritor, autor dos livros “Face Oculta”, “Poemas Insensatos” e “Estórias do Aquiry e outros mundos”, publicados pela Editora Xapuri; e por Maria Letícia Marques, funcionária pública federal, estudante de Direito e redatora voluntária da Revista Xapuri. A produção é da gerente executiva da Xapuri, Janaina Faustino, a capa é de Emir Bocchino, tendo por referência o enxoval de artes do Comitê Chico Mendes, a edição (incluindo alguns títulos) é de Zezé Weiss, organizadora do Livro “Vozes da Floresta”, editora da Revista Xapuri. Apresentado por Angela Mendes e Júlio Barbosa de Aquino, o livro “Por que mataram Chico Mendes”, preparado por sugestão de Pedro Ivo Batista, da Associação Alternativa Terrazul, faz parte da coletânea “Chico Mendes na COP 30”, produzida com o apoio da Fundação Banco do Brasil, para impressão pelo Senado Federal.



Foto: Miranda Smith

O DIA EM QUE MATARAM CHICO MENDES

Gomercindo Rodrigues

Era pouco mais de seis horas da tarde. Já havia escurecido. Cheguei de moto. Parei em frente ao casebre simples onde Chico Mendes morava. Entrei na casa de madeira, coberta com telhas de barro, dois quartos, uma pequena sala, a cozinha e um corredor ligando a sala à cozinha, passando em frente aos quartos.

Chico estava na cozinha, jogando dominó com dois dos três policiais – um deles tinha ido ao quartel da PM, para jantar – que haviam sido destacados para fazerem a segurança dele. Ao me ver, alegre, disse:

“Oh, Goma” – que era como ele me chamava, enquanto outros amigos me chamavam e me chamam de Guma – que bom que você chegou, vamos fazer uma “parceirada” para ganhar desses patos. Eu já estou ganhando sozinho.

Não, Chico, eu não sei jogar isso direito, eu disse. “Ah, mas pra ganhar desses patos não precisa saber jogar direito. Senta aí, vamos jogar.” Não, Chico, eu não jogo nada a valer, eu respondi. “Ah, mas jogar sem ser a valer com esses patos não compensa. Senta aí, vamos jogar de parceiro.”

Chico, eu estou preocupado com o que eu te disse ontem (eu tinha dito ao Chico que estava preocupado com o fato de não estar vendo os pistoleiros na cidade desde meu retorno a Xapuri, no dia 13 de dezembro). “É, eu também não vi os caras”, me disse o Chico.

Naquele momento, chegou Ilzamar, a esposa do Chico, dizendo que gostaria de colocar o jantar, antes da novela começar, porque era o penúltimo capítulo e não queria perder. Então o Chico disse: “Vamos jantar comigo, Goma.”

Eu, inicialmente, agradeci, pois sabia que ele tinha de fazer uma grande “ginástica” para conseguir ter comida em casa. O Chico insistiu, porque também eu, naquele ano, não raro, nada tinha para comer.

Ele sabia que eu estava completamente sem dinheiro, pois não tinha nem salário, nem projeto financiando a minha estadia em Xapuri, que só era possível porque o Centro dos Trabalhadores da Amazônia custeava o aluguel e o telefone da casa onde eu morava, que acabava funcionando também como o escritório do CTA.

Dada a insistência dele, respondi: Vou dar uma volta pela cidade para ver se encontro os caras, porque eu estou muito preocupado. “Tá bom, enquanto isso eu vou tomar um banho e te espero para jantar, mas vem mesmo, Goma.” Tá bom, eu respondi e, depois desse rápido diálogo eu saí, montei na moto, circulei por Xapuri, passei em frente a todos os bares que os pistoleiros costumavam frequentar. Estava tudo às moscas...

Alguma coisa me apertava o peito, uma angústia indescritível que me acompanhava desde o dia 13, quando retornei da viagem que fiz ao Rio de Janeiro para, substituindo o Chico, no dia 7 proferir palestra na ABI (Associação Brasileira de Imprensa), promovida pela Campanha Nacional em Defesa e pelo Desenvolvimento da Amazônia (CNDDA).

Quando retornei da viagem, alguma coisa havia mudado. Antes, desde abril de 1988, todos os dias, quando eu abria a janela da minha casa, havia dois pistoleiros postados na praça em frente; outros dois costumavam ficar dois em frente ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais e dois circulando pela cidade. Quando voltei, os pistoleiros haviam sumido de Xapuri. Isso era estranho, muito estranho...

Levei entre cinco e dez minutos para retornar à casa de Chico. Quando fui chegando, sua esposa saiu gritando: “Guma, atiraram no Chico!” Olhei para trás... Na calçada da Delegacia de Polícia, a cerca de 50 metros (isso mesmo, cinquenta), vi vários policiais parados. Gritei: seus filhos da puta, não vão fazer nada, não?

Nesse momento o Pedro Rocha, compadre do Chico gritou: “a gente precisa de um carro, ele está ferido!” Na esperança de que ele pudesse ser salvo, funcionei a moto, da qual eu nem descera, e me dirigi à agência do Banco da Amazônia, onde eu tinha passado pouco antes e tinha visto que o pessoal estava trabalhando.

Cheguei lá e gritei da janela: Andrias, a gente precisa de um carro, porque atiraram no Chico! O Andrias, gerente do banco, saiu correndo, pegou o seu “Escort” e foi direto à casa do Chico. Quando chegamos lá, ele já estava sendo embarcado num caminhãozinho que passava pela rua. Como ele está, perguntei ao Pedro Rocha. O compadre do Chico respondeu: “ah... tá morto... mas não afirmou “tá morto!”

O Pedro Rocha deixou no ar, fez pensar que ele não estava morto, que havia uma esperança. Fui ao hospital. Como eu estava de bermuda não me deixaram en-

trar. Pensei: mas de que adianta, eu não sou médico. Aqui eu não ajudo nada. Vou fazer alguma coisa onde eu possa ajudar.

Fui pra casa. Comecei a telefonar. Liguei para alguns amigos em Rio Branco, Brasília, Rio de Janeiro. A primeira reação era de incredulidade, todos diziam que não se podia brincar com uma coisa séria e, quando sentiam que era sério, porque eu estava chorando ao telefone, perguntavam se ele estava morto. Eu respondia que era “de muito grave para morto”, pois eu não tinha a informação definitiva.

Entre os primeiros telefonemas que fiz, um foi para uma pessoa que não era amiga: o superintendente da Polícia Federal no Acre naquela época, o Delegado Mauro Spósito. Ele não estava. Deixei recado em meu nome e pedi que lhe dissessem que tinham conseguido pegar Chico Mendes. Fiz isso porque tinha, como tenho até hoje, enorme suspeita de que o delegado sabia de “algo mais” a respeito dessa morte. O que eu não consegui até agora foi qualquer prova disso.

Aliás, depois desse telefonema para a Polícia Federal, coincidentemente, o meu telefone ficou mudo. Passei a fazer as ligações do posto telefônico da Tele-Acre em Xapuri. Fui novamente ao hospital. Entrei. Vi o Chico Mendes estendido sobre uma maca. Ele estava morto... Voltei, fiz novas ligações, confirmando a morte. Começamos a tratar da questão da necropsia, embalsamamento etc.

Enquanto aguardávamos resolver as questões legais, eu estava em frente à casa de Chico Mendes quando, por volta das 20h30, chegou um veículo Gol branco,

desceu uma pessoa e começou a fotografar a casa. Perguntei quem era, respondeu-me que era jornalista, do jornal “O Rio Branco”. Mesmo sem raciocinar muito, perguntei: Já?

Xapuri está distante de Rio Branco 188 Km e, naquela época, apenas parte da rodovia era asfaltada, e estava, no trecho Xapuri-Rio Branco, extremamente esburacada. Outra parte era em estrada de terra que, com o “inverno amazônico”, época das chuvas na região, ficava com tráfego muito difícil.

Era a situação naquela noite. A parte de terra estava com muita lama e o tempo médio que se gastava para ir de Rio Branco a Xapuri, durante o dia, era em torno de três horas e meia a quatro horas, quando era possível trafegar e, muitas vezes, somente com veículo com tração nas quatro rodas. À noite, o tempo gasto era, normalmente, muito maior.

Assim, essa história da “rapidez” do jornal “O Rio Branco” não está explicada até hoje. E quanto mais tentam explicá-la, mais ela fica confusa para o jornal e seus proprietários. Estranhamente, o fato nunca foi devidamente investigado por quem de direito, embora o crime não esteja prescrito.

Por volta das 22 horas, fomos informados de que os médicos do Instituto Médico Legal não iriam de Rio Branco para Xapuri. Se quiséssemos que o corpo fosse necropsiado e embalsamado pelo IML, deveríamos providenciar o deslocamento do corpo para Rio Branco. Fizemos isso. O corpo saiu de Xapuri, na ambulância do Hospital, por volta da meia-noite.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

O TIRO

Nilo S. Melo Diniz

Naquela noite quente e úmida de 22 de dezembro de 1988, em Xapuri, um único tiro de escopeta fez mais de 20 pequenas perfurações no peito de Francisco Alves Filho, contadas por seu amigo Julio Nicácio.

Chico Mendes atravessava a porta dos fundos com uma toalha a caminho do banheiro, localizado fora de sua casa, no quintal. Com o disparo, caiu de volta dentro do barraco de madeira.

“Me acertaram...!”, disse, ao tombar sobre o assoalho de madeira. Chico se esforçava em dizer mais uma frase que a esposa, os filhos e os policiais, responsáveis por sua segurança, não conseguiram entender.

Fonte: “Chico Mendes: Um Grito no Ouvido do Mundo”, editora Appris, 2019.



DEUS E O DIABO NA TERRA DE CHICO MENDES

Lúcio Flávio Pinto



Foto: Acervo Comitê Chico Mendes

Viajei pela primeira vez pelo Acre e Rondônia em 1981. Para exprimir alegoricamente minhas impressões ao final de 19 dias intensos, podia dizer que o cenário estava sendo preparado para o confronto entre Deus e o Diabo na Terra do Sol, tomando por mote o filme de Glauber Rocha.

Conversei com gente que vinha de outros cantos do país. Conversei também com nativos que esperavam sair do isolamento e da pobreza para gozar da partilha dos bens nacionais, num banquete para o qual jamais haviam sido convidados.

Depois de muita conversa e observação, porém, era possível sentir aquela tensão que antecede as tempestades.

des. Chico Mendes, com nome internacional, podia ter feito muito mais pela sua gente e pela sua terra. Mas, às vésperas do Natal de 1988, seu caminho foi interrompido à bala - uma, certa, anunciada.

Reagi com vários textos, publicados no meu “Jornal Pessoal” (que prossegue até hoje), na edição da 1ª quinzena de janeiro de 1989. Entre os trechos do texto principal: Em outubro do ano passado, Francisco Alves Mendes Filho confessou à jornalista norte-americana Fay Haussman: “Para nós, até recentemente, a expressão meio ambiente nem existia.”

Algumas semanas depois, ao completar 44 anos, tornou-se o primeiro herói da martirizada luta ecológica na Amazônia. Nunca houve morte mais anunciada do que essa na Amazônia. Nem mais chocante. Pessoas profundamente emocionadas com a confirmação da morte, por todos esperada e temida, tiveram a mesma reação em São Paulo, Belém, Londres ou Nova York: era mesmo impossível evitar a consumação da ameaça?

O enredo se ajusta genericamente a todos esses tipos de atentados que se praticam com frequência cada vez mais assustadora na Amazônia. Não deve ter sido por mero acaso que o fazendeiro João Branco, presidente da UDR do Acre, deixou às pressas Rio Branco, em táxi aéreo fretado.

Branco, que tem um jornal à sua disposição na capital acreana e está montando uma emissora de televisão, se antecipou a todos anunciando a rendição de Darci Alves da Silva, horas antes do fato se consumir. Definiu a situação dele como a de “um boi encurralado”.

Esqueceu um acréscimo: boi de piranha. A maior mobilização policial de todos os tempos para a captura dos assassinos de um líder rural concluiu que o atentado começou e terminou na família Alves da Silva.

São crimes típicos de jagunços, dos que não vão além de uma posição intermediária na hierarquia do poder. Brasília pode sacrificar esses anéis remotos da aliança, mas os Alves da Silva em Xapuri, como os Murad no Baixo Araguaia paraense ou os Wirland no Médio Tapajós, mandam nos delegados e são parceiros das autoridades.

Quando estão em dificuldades, a força pública se transforma em milícia particular a serviço deles. Chico, a expressão única de um caboclo que encontrou uma forma eficiente de lutar por suas convicções - a defesa das árvores da floresta, reduto da competência e do saber acumulados com os anos.

Em muitas partes do mundo, nomes respeitáveis chegaram a essa conclusão trilhando caminhos intelectuais, muito mais complicados e muito menos intensos de vida. Para o sistema de poder local, alimentado pela violência, as coisas ali estavam perfeitamente claras.

De um lado, um emblema da aliança: o fazendeiro, que veio de fora para domar a “fronteira”; do outro lado, o nativo teimoso, que se interpõe ao determinismo do “modelo”. A escolha entre as duas partes é imposta de fora. Tudo ali tinha federalização fundiária absoluta entre 1977 e 1987.

Falar de autoritarismo, no caso, é mais do que fazer filosofia. Pode-se suspeitar que o cabo da Polícia Militar Roldão Roseno de Souza, de 26 anos, e o soldado Roldão Lucas da Cruz, de 27 anos, não teriam a natural

displícência demonstrada se, ao invés de um seringueiro, a pessoa protegida fosse um fazendeiro.

O seringueiro será sempre o “indivíduo”, ainda que bipremiado internacionalmente. O fazendeiro jamais perderá o tratamento de “doutor”. Em carta de 28 de outubro ao secretário de Segurança Pública do Acre e ao juiz de Xapuri, Chico Mendes denunciava que em Brasiléia “há mais de dez dias estão sendo realizadas reuniões secretas”, nas quais se planejava o assassinato dele próprio.

“A luta no Pará e em toda a Amazônia continua e se assemelha em muitos pontos com a luta do Acre e de sua estrela-líder: Chico Mendes, que, embora tenha perdido a vida, continua a servir de modelo na nossa caminhada em busca dos nossos ideais.” Antonia Melo presidente do sindicato rural daquele município. Foi ignorado.

Já o superintendente da Polícia Federal do Acre, Mauro Spósito, reteve um mandado de prisão contra Darly e Alvarino por 15 dias.

Alegou incorreções formais na carta precatória, dando tempo aos irmãos de fugir. Spósito foi remanejado de súbito para Mato Grosso, com a incumbência de cuidar do tráfico de drogas, uma maneira corporativa tradicional de resolver os problemas, contornando-os.

O fazendeiro Gastão Mota, suspeito de intermediar o assassinato do seringueiro e de ter ligações com o tráfico de armas e de drogas, chegou a ser preso na fronteira com a Bolívia, mas foi solto na véspera do Réveillon. “Eu não tive instrumentos legais, como um mandado de prisão, para mantê-lo na cadeia”, explicou-se o de-

legado Nilson Alves de Oliveira. O respeito extremo à formalidade legal nesse caso seria comovente, se não fosse unilateral.

A impunidade não deixa esquecer que a violência é a marca registrada da fronteira amazônica - e que a consome com sua lógica da irracionalidade. “Há mais gente - e gente importante - que estava querendo matar Chico Mendes e por isso se deve ir fundo nas investigações,” pedia o juiz de Xapuri, Adair Longhini. Mas as investigações parecem seguir apenas a linha reta, não o traço pontilhado.

O mesmo BID que ouvia Chico Mendes concedeu dois empréstimos ao Brasil em 1985, no valor de 58,5 milhões de dólares, para o financiamento parcial da BR-364, no trecho Porto Velho-Rio Branco. Mas quer executado o Projeto de Proteção ao Meio Ambiente e das Comunidades Indígenas [PMACI], idealizado por Chico Mendes.

Em dez anos, com a estrada sendo asfaltada, Rondônia perdeu 25% de suas florestas, e o Acre, 10% de suas matas. O BID quer investimento e utopia, combinação que só ocorre em Nova York - e mentalmente. Chico Mendes queria mesmo era viver. Mas juntar as duas coisas - a defesa de ideias e o direito à vida - está definitivamente abolido no inferno amazônico sancionado pelos novos donos da terra.

Fonte: Texto encontrado no Acervo Histórico do CTA, sem indicação de fonte original.

SANGUE COBRADO

Cecília Mendes

Eu vi como a luta começou. A luta dos empates começou de 1970 e seguiu até o ano de 1988, quando mataram o Chico.

Aqui a luta começou quando quiseram comprar o Cachoeira. Quando quiseram comprar, não, ainda compraram uma parte, só não deram conta de entrar. A gente teve que fazer um empate doido, mas entrar, eles não entraram.

Lembro bem da confusão daquela época. A gente passou três meses no Empate do Cachoeira. Um monte de gente. Era empatar, empatar, empatar: era gente pra aqui e pra acolá, até que vencemos. A nossa greve, o nosso empate começou no mês de março e ficou até abril, maio e junho. Depois acalmou.

Uns dias antes de morrer, o Chico veio aqui e falou comigo: “Tia, agora acabou, agora o Cachoeira é nosso mesmo. Agora todo mundo vai ser dono do seu lugar. Só que toda essa luta vai custar sangue, e o sangue que vai derramar é o meu.

Ele me dizia: “Não, tia, não tem jeito: o seringal é nosso, mas eles vão cobrar o meu sangue por isso.” E foi mesmo. O Chico sabia que tinha que morrer para deixar o Cachoeira nas mãos dos seringueiros.

Agora o bonito é que depois que ele morreu a luta continuou. Ninguém teve coragem de parar. E ninguém mais precisa brigar pelo nosso lugar.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.

POR QUE NÃO TOMARAM PROVIDÊNCIAS?

Luiz Eduardo Greenhalgh

Dizem os mais velhos que depois de certo tempo de uma amizade não se consegue mais lembrar quando ela começou. Por mais que puxe a memória, não consigo precisar quando conheci o Chico Mendes. Acho que foi numa reunião do Diretório Nacional, bem no início do PT. Não me esqueço dele: jeito calmo de falar, olhar penetrante, arisco, aguçado.

Mas foi em 1980, depois do assassinato de Wilson Pinheiro, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, executado dentro do Sindicato, que nos aproximamos mais. No dia 27 de julho houve o lançamento oficial do PT no Acre, com a presença de Lula, Jacó Bittar e Chico Mendes, dentre outros tantos companheiros.

Após o lançamento, fomos a Brasiléia participar do ato público em repúdio ao assassinato do Wilson Pinheiro. Falaram mais de 30 oradores. A repressão policial gravou os discursos, pinçou frases e com elas abriu um processo, com base na Lei de Segurança Nacional, contra Jacó Bittar, Luiz Inácio Lula da Silva, José Francisco da Silva, Francisco Alves Mendes Filho e João Maia da Silva Filho, todos por incitação ao crime, pelos discursos que fizeram em Brasiléia.

O inquérito foi presidido pelo delegado Mauro Spósito, da Polícia Federal, na Auditoria Militar de Manaus.

Prestei defesa a Lula, a Jacó Bittar e a Chico Mendes, embora ele tivesse advogado próprio. Todas as vezes que fui ao Acre durante o Inquérito, conversava com Chico Mendes.

Hoje, olho pra trás e vejo o caminho que percorremos até colocarmos um de nós para dirigir o país. Sinto uma saudade imensa dos companheiros que deram suas vidas para que nós pudéssemos chegar aonde chegamos.

Para mim, a morte de Chico Mendes ainda não está esclarecida, apesar da condenação de seus autores. Faltam aqueles que se ausentaram de lhe dar a segurança requerida e necessária. Que fizeram ouvidos moucos aos seus pedidos. Que o deixaram seguir para a morte

Eu não me conformo com a morte de Chico Mendes. Morte prevista, anunciada, premeditada, esperada. Quando Chico informou às autoridades das ameaças de morte que estava sofrendo, por que não tomaram providências?

Por que os delegados federais da região, que foram ávidos na formação do inquérito sobre o ato público de repúdio à morte de Wilson Pinheiro, não agiram com a mesma presteza quando se tratou de garantir a vida de Chico Mendes?

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.

A UDR

Gomercindo Rodrigues

Em 1985, como forma de lutar contra o Plano Nacional de Reforma Agrária e se prepararem para as eleições de uma Assembleia Nacional Constituinte, os fazendeiros em todo o Brasil organizam uma entidade que ficou nacionalmente conhecida por ter chegado às manchetes da imprensa na época, sempre envolvida em conflitos agrários, a famigerada UDR (União Democrática Ruralista) que de democrática tinha, apenas e tão somente, a designação.

Para se ter uma ideia da belicosidade da UDR, embora a entidade negasse, a contratação de milícias privadas e de armas faziam parte das principais despesas da entidade naquele período.

O próprio presidente da UDR de Goiás, à época, e um de seus vice-presidentes nacional, Salvador Farina afirmou em abril de 1987 que: “hoje já podemos confessar que, realmente, compramos armas com dinheiro dos leilões. No primeiro, em Goiânia, adquirimos 1.636 armas. E já estamos com 70 mil armas.”

A tática da eliminação seletiva de lideranças e pessoas ligadas ao movimento dos trabalhadores rurais, especialmente religiosos, assessores e advogados, causou grandes baixas e afetou em muito a resistência dos posseiros e pequenos produtores de toda a região. O pior na ação foi que, na quase totalidade dos casos os crimes permaneceram impunes, com raras e honrosas exceções.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

A UDR NO ACRE

Gomercindo Rodrigues

No Acre, a UDR começou a atuar desde 1986, quando bancou candidaturas de parlamentares, tanto para o Congresso Constituinte, quanto para a Assembleia Legislativa do Estado. Em 1987, já dentro de uma estratégia de enfrentamento com os seringueiros, principalmente por causa da resistência destes aos desmatamentos, a entidade procurou reforçar-se e deslocou, inclusive, advogados do interior de São Paulo para Xapuri.

Estes tinham, ainda, maiores facilidades no Poder Judiciário até porque o juiz da Comarca de Xapuri era, nada mais, nada menos que o marido da viúva do Nílão, que ideologicamente nutria verdadeira aversão aos posseiros, pois fora advogado de fazendeiros antes de entrar para a Magistratura. Qualquer pedido ajuizado no fórum de Xapuri pelos fazendeiros no início de 1988, época em que começavam os preparativos para os desmates, era rapidamente deferido. Para se ter ideia, um fazendeiro que estava tentando desmatar, depois de sofrer um empate no Seringal Equador, ajuizou uma ação e teve uma liminar deferida, que ordenava que fossem deslocados para a área cerca de 50 policiais militares para proteger 10 trabalhadores que estavam realizando o desmate.

Depois de muita luta, sendo este o último empate comandado por Chico Mendes, realizado, conseguiu-se provar que o fazendeiro estava tentando desmatar mais do que o dobro do que o Ibama, então IBDF, tinha autorizado.

O juiz, no entanto, não contente com sua atuação de proteção aos fazendeiros, ainda mandou processar Chico Mendes, o Duda, o Raimundão, o Targino e eu, por desobediência, em função de um empate realizado pelos companheiros do Seringal Cachoeira, vizinho ao Equador. No entanto, entre os trabalhadores presentes, apenas e tão somente o Duda estava lá, porque era morador do local.

Os outros estávamos em Xapuri e, portanto, não desobedecemos nenhuma ordem judicial. Não é preciso dizer que foi esse mesmo juiz que concedeu a reintegração de posse ao Darly de uma colocação, a Brasilzinho, no Seringal Cachoeira; posse que o Darly nunca tivera, pois era ocupada. Portanto, não havia posse a ser reintegrada ou mantida em favor do Darly, mas o tal juiz concedeu, liminarmente a “reintegração”.

Essa atitude, após alguns “empates” realizados pelos próprios seringueiros do Cachoeira e dos seringais vizinhos – Equador, São Miguel, Nova Esperança, São José – fez com que crescesse a organização na área: chegaram a juntar-se mais de 300 (trezentas) pessoas, com a chegada de companheiros de áreas mais distantes, como os seringais São Pedro, Nazaré, Floresta, Boa Vista, só para citar alguns, que ficavam do outro lado do rio, distantes de 5 a 12 horas de Xapuri e de onde vieram seringueiros para reforçarem a resistência no Cachoeira.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

A UDR MATOU CHICO MENDES

Siã Kaxinawá

Chico era um ser muito humano muito carinhoso com as pessoas. Ele sabia conduzir as reuniões e todos gostavam muito dele. Só a União Democrática Ruralista (UDR), que foi responsável pelo seu assassinato, não respeitava sua importância para a floresta.

A UDR tinha muito poder, tinha muito dinheiro para contratar jagunço e comprar a polícia. O Chico não. Ele não tinha dinheiro nem para se defender e também não era costume dele tratar com a bandidagem. A UDR ficava cada vez mais com raiva, porque ele ia ficando famoso e aparecendo nos jornais do Acre, do Brasil e do mundo. Por isso a UDR matou Chico Mendes.

Fico pensando... se Chico estivesse vivo, ele estaria sorrindo muito, porque ele pensava que as primeiras conquistas viriam em dez anos, mas elas começaram a chegar em três - quando foi demarcada a primeira Reserva Extrativista - e não parou mais. Hoje nossas representações são respeitadas e nossa Aliança dos Povos da Floresta continua em atividade. Isso com certeza era razão para o Chico estar sorrindo.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.

UMA VIOLÊNCIA SEM TAMANHO

Raimunda Bezerra



Tudo é muito cruel na morte de Chico, mas uma das coisas que percebi nele era um pouco aquelas mudanças do homem meio machista que estava se modernizando, deixando o conceito de que a mulher devia tomar conta dos filhos, da casa, enquanto o homem ficava no Movimento.

Algumas vezes ele vinha para Rio Branco e trazia a Elenira, que ficava comigo enquanto ele fazia suas reuniões. Ele já fazia um pouco isso, o que era uma grande mudança para um seringueiro. Ele, um homem do

seringal, filho de nordestinos, um homem de trabalho fora, estava vivendo essas mudanças.

Infelizmente não foi permitido ao Chico viver as experiências de um homem que compreendia a luta dos trabalhadores, mas que também buscava ser mais completo e mais comprometido com as outras dimensões da vida, como a de ser pai.

A Elenira e o Sandino eram muito pequenos, e a convivência com eles foi tirada dele com uma grande brutalidade. O Chico era muito generoso. Todo mundo fala dele politicamente, por isso eu gosto de falar dele como pessoa.

Aquela cena dele sentado no chão e dando comida para o Sandino é muito real. No meio da turbulência da luta política, no meio de um enfrentamento no qual ele não podia dizer onde estava, Chico encontrava tempo para sentar no chão com as crianças, para alimentar o filho.

Nos últimos dias dele, eu estava doente, inclusive não o vi morto. Ele chegou lá em casa, o Paulo, meu marido, não estava, então ele disse: “Eu não posso ir embora e te deixar desse jeito!” Aí eu disse: “Você está preocupado? Sabe onde meu pai mora? Então vai lá, busca meu pai e traz para cá.” Ele foi e buscou meu pai.

O Chico nunca se despedia, sempre quando eu via, ele já tinha saído. Naquele dia ele se despediu, desejou Feliz Natal pra todo mundo e só depois pegou a estrada. Essa foi a última vez que eu o vi.

Uns 20 dias antes do assassinato, ele e o Raimundo Barros iam dormir lá em casa quando ele foi chamado para ir a Sena Madureira. Contrariando o previsto, nem ele e nem Raimundo dormiram lá naquela noite.

O Raimundo viajou para São Paulo e o Chico para Sena Madureira. Na manhã do dia seguinte, nós percebemos que tinham sumido duas toalhas da área de serviço. Olhando, vimos que as toalhas estavam próximas da cerca e que tinha rastros de calçado masculino e um maço de cigarros da mesma marca do cigarro que foi encontrado no lugar em que foi feita a tocaia que o matou. Ou seja, os pistoleiros passaram a noite no quintal da minha casa. O irmão do Chico morava em frente à minha casa e a cunhada dele mora lá até hoje.

Quando o Chico dormia lá em casa levantava cedo, abria a porta, atravessava a rua para ir tomar café com o irmão, e provavelmente os pistoleiros sabiam dessa rotina. Se ele tivesse dormido lá aquela noite, ele poderia ter morrido na minha casa.

A gente não percebeu que havia tido uma tocaia, a gente pensou que era ladrão comum. Nós só percebemos muito tempo depois por causa do cigarro Marlboro, que o pistoleiro fumava. Provavelmente era o mesmo pistoleiro.

Nos últimos tempos, o Chico andava acompanhado pela polícia e quando dormia lá em casa o teimoso sempre dormia numa rede perto da janela, de forma que se alguém atirasse acertava bem na cabeça dele. Toda vez que a gente via isso, ou eu ou o Paulo virávamos a cabeça dele para o outro lado, porque se atirassem pegaria no pé.

Uma vez ele deixou um bilhete pra mim no CTA, dizendo que estava sendo seguido a tarde inteira, que estava num táxi e que ia tentar ir lá para casa porque lá era um lugar seguro. Quando ele chegou, deixou o portão

aberto, a porta aberta e foi ao banheiro. Depois tomou um café, acendeu um cigarro, e aí falou:

“Companheira, hoje foi um dia difícil. Os caras me seguiram até ali na esquina, sorte que eu consegui desviar deles.” Aí eu disse: Como é que você não me falou nada, me entra aqui, larga tudo aberto... e se esses caras entram e te matam no meu banheiro, o que eu ia fazer da minha vida?

Quando ele fez uma carta que dizia quem eram as pessoas que participaram da reunião onde decidiram pela morte dele, ele me deu para ler. Eu li a carta e falei: Você acha que deve publicar?

Aí ele disse: *“Eu vou pra tudo ou nada, vou dizer o que sei e vou ver o que acontece.”* Eu falei: Acho que você não devia, se está querendo a minha opinião sobre isso. Ele disse *“Não, eu dei a carta pra você ler só pra conferir os erros de português”*

Aí eu falei: Os erros de português nessa carta são o de menos, o problema é o conteúdo dela. Nesse mesmo dia eu falei com ele se não achava bom ir para Goiás ou qualquer outro lugar.

Ele falou: *“Goiás e Mato Grosso é terra da UDR, se eu for para lá vou estar protegido de quê?”* Ele sempre dizia: *“Vão dizer que eu fugi, que estou abandonando a luta do povo, os companheiros.”* Eu dizia: Não é abandonar, é proteger! Mas ele achava que seria uma fuga e não concordava.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1ª edição, editora Xapuri, 2008.

POR QUE MATARAM CHICO MENDES?

Gomercindo Rodrigues

O assassinato de Chico Mendes tem componentes extremamente complexos que vão muito além da versão oficial, abraçada pela mídia, de que Chico Mendes foi morto por vingança, porque perseguia Darly Alves, o que motivou sua ação, segundo o depoimento de Darci Alves Pereira, o filho, condenado como o executor de Chico Mendes.

Essa versão era, naquele momento, a mais interessante, porque encerrava o Caso Chico Mendes, deixando-o totalmente esclarecido, pois apresentava executores e mandante, nada mais havendo a investigar.

Que Darly possa ter sido incentivado a determinar a morte de Chico Mendes é absolutamente provável, mas de tê-lo feito sem nenhum tipo de apoio ou incentivo, isso já se torna bastante questionável, porque ele não defendia só os seus interesses na questão do Seringal Cachoeira.

Para a mídia e para os governos de então, encerrado o caso como o foi, pôde-se deixar de responder a muitas perguntas que ainda hoje se mantêm cristalinas e às quais os canais oficiais não procuram responder.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

ANTECEDENTES DO CRIME

Gomercindo Rodrigues

Para que possamos traçar um pequeno histórico dos antecedentes do crime que causou repercussão nacional e internacional, é necessário entender a história das últimas duas décadas e meia anteriores ao assassinato de Chico Mendes.

Desde há muito tempo a preocupação para com a Amazônia vem aumentando em todo o planeta e, a isso, não ficou indiferente o governo brasileiro. Os militares, que governaram o país de forma ditatorial entre 1964 a 1985, ao perceberem toda a atenção que já se voltava para a região, trataram de incluí-la dentro de seus planos como uma região geoestratégica muito importante.

Sendo a Amazônia uma região estrategicamente importante, os militares criaram e implementaram, durante o período que chamaram de “Milagre Brasileiro”, projetos megalomaniacos, como a abertura de grandes rodovias. Dessa maneira, a ocupação da região ficou dentro das ações consideradas de interesse da segurança nacional.

Dado o histórico interesse econômico dos grandes conglomerados financeiros e industriais de todo o mundo para com as riquezas da Amazônia - tais como a madeira e as jazidas minerais, inclusive as de minerais radioativos - fez-se o processo de internacionalização da região, com a concordância, a conivência e a participação dos militares.

Sob essa conjuntura, o regime militar permitiu a aquisição de imensas áreas de floresta por grandes grupos econômicos de capital nacional e multinacional e, assim, imensas áreas de terras na região amazônica tornaram-se alvos da especulação fundiária.

Além de permitir a aquisição de milhões de hectares de terras por grandes grupos econômicos, o governo do regime militar financiou, com dinheiro a juros subsidiados, todo o processo de “ocupação” da região, privilegiando, sempre, os grandes fazendeiros e os grupos econômicos que adquiriam as terras na Amazônia, a um custo econômico e social extremamente alto, como se vê hoje.

Ao mesmo tempo, a degradação ambiental que ocorria na Amazônia, sobretudo ao longo das grandes rodovias - que integravam o estratégico do governo brasileiro - a Belém-Brasília, a Cuiabá-Santarém, a Transamazônica e a BR-364 (trecho Cuiabá-Porto Velho-Rio Branco), tornou-se tão evidente que aumentou a preocupação das entidades ambientalistas que, por sua vez, passaram a pressionar os Bancos Multilaterais de Desenvolvimento, em especial o Banco Mundial (BIRD) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), para que interrompesse o financiamento da devastação.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

RESERVAS EXTRATIVISTAS

Gomercindo Rodrigues

Em outubro de 1985, o STR de Xapuri, realizou em Brasília o I Encontro Nacional dos Seringueiros, onde os seringueiros discutiram as dificuldades que enfrentavam.

Durante o Encontro, os seringueiros lançaram a proposta da criação das Reservas Extrativistas, que deu à luta do Movimento ampla visibilidades, primeiro lá fora, depois por aqui, nacionalmente.

A proposta de criação das Reservas Extrativistas (Resex) foi o grande achado para todas as pessoas e entidades que, preocupadas com a devastação da Amazônia e que sempre esbarravam no mesmo argumento do governo brasileiro: “Não podemos deixar 54 % de nosso território transformado num ‘santuário ecológico’. É preciso ‘desenvolver’ aquela região”.

A proposta inovadora dos seringueiros defendia, de forma inequívoca, a utilização produtiva da floresta, e criava uma perspectiva que já existia há muito tempo, mas que não era conhecida ou divulgada: a de desenvolver a região a partir de suas populações tradicionais.

A defesa dessa proposta pelo Conselho Nacional dos Seringueiros, também criado durante o Encontro, e a divulgação internacional da luta dos seringueiros em defesa da floresta, renderam a Chico Mendes os dois prêmios internacionais que recebeu em vida.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

PRESSÃO SOBRE A BR-364

Gomercindo Rodrigues

Para o Acre, à época, o grande projeto era o do asfaltamento da BR-364, trecho Porto Velho-Rio Branco, concluída no início dos anos 1990. O financiamento da obra estava, em 1/3, a cargo do BID.

Pressionado por organismos ambientalistas, em especial os norte-americanos, o BID exigiu do governo brasileiro, para conceder o financiamento, que fosse elaborado um Programa de Proteção ao Meio Ambiente e às Comunidades Indígenas (PMACI) para a área de influência do trecho a ser asfaltado, abrangendo parte de Rondônia, metade do Acre e parte Sul do Amazonas.

Foi criado um “grupo de trabalho” interministerial (GT-PMACI). A coordenação ficou por conta do Instituto de Pesquisas Aplicadas (IPEA), da então Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

Com o passar do tempo, e em função das cobranças do próprio BID, sempre pressionado pelos ambientalistas, e graças à mobilização de seringueiros e indígenas, o GT-PMACI teve de ouvir as comunidades locais; foi quando entrou em cena a força de quem sempre mandou no projeto da BR-364, que constava do acordo assinado com o BID: o Conselho de Segurança Nacional.

A Amazônia, embora em tempo de transição do regime militar para a democracia, continuava sendo encarada como uma área de interesse da segurança nacional, na prática uma uma área de interesse militar.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

IVAIR IGINO

Gomercindo Rodrigues



Velório de Ivair Igino - Foto: Jornal A Gazeta/Acervo CTA

No dia 18 de junho de 1988, por volta das 5h30 da manhã, quando, como fazia todos os dias, estava saindo de sua casa para ir à colônia vizinha tirar leite de uma vaca, pois não tinha nenhuma, Ivair Igino de Almeida foi assassinado com dois tiros de espingarda e seis tiros de revólver.

Pequeno agricultor familiar, líder de uma CEB (Comunidade Eclesial de Base) da Igreja Católica e pré-candidato a vereador pelo PT de Xapuri nas eleições de 1988, Ivair Igino era um jovem de 26 anos de idade, mineiro, tranquilo, não tinha nenhum inimigo e, por sua simplicidade e simpatia, vinha conquistando amplos espaços de

liderança na sua comunidade, localizada no Km 26 da BR 317, trecho Brasília-Xapuri.

Vizinho à colônia de Ivair Igino, morava Cícero Tenório Cavalcante, que também seria candidato a vereador em 1988, mas pelo PMDB. De acordo com a apuração policial, somente realizada após a repercussão do assassinato de Chico Mendes, Cícero estaria envolvido na morte de Ivair, que teria sido perpetrada por pistoleiros de Darly e seu irmão Alvarino, conforme consta do processo que tramitou por cerca de 20 anos na Comarca de Xapuri.

Os principais acusados no Caso Ivair Igino foram Cícero Tenório e Alvarino, como mandantes; Gentil Alves da Silva, o “Tilim”, filho de Alvarino; Darci Alves Pereira e Oloci Alves da Silva, ambos filhos de Darly; e Francisco Lourenço, o “Cearazão”, que era empregado de Cícero Tenório.

O crime prescreveu para Alvarino Alves da Silva e para Darci Alves Pereira, o primeiro por ter mais de 70 anos de idade à época de sentença de pronúncia e o segundo porque à época dos fatos era menor de 21 anos de idade; e ter, em ambos os casos, transcorrido mais de 10 anos entre o recebimento da denúncia e a sentença de pronúncia.

Levados a julgamento no dia 28 de maio de 2008, vinte dias antes de completar 20 anos do assassinato de Ivair Igino, foram absolvidos Cícero Tenório Cavalcante e Gentil Alves da Silva, e condenado por homicídio simples Oloci Alves da Silva, sendo-lhe fixada a pena em oito anos de reclusão.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

“TEORIA DO CARACOL”

Gomercindo Rodrigues

No final de 1987, o clima era de muita tensão e os seringueiros de Xapuri discutiram, inclusive, que estivesse em curso a implantação da “Teoria do Caracol”, muito usada por quadrilhas para criar terror numa região: matam-se pessoas do Movimento, mas não necessariamente as lideranças mais expressivas.

Matam para mostrar que estão “dispostos a tudo”, para criar o medo generalizado. Isso é usado até hoje, basta ver-se o clima de terror existente nas favelas do Rio de Janeiro, ou no sul do Pará.

Em setembro de 1988, foi assassinado no meio da rua, numa madrugada, o ex-seringueiro José Ribeiro, que um mês antes, numa festa, havia apanhado de um dos “Mineirinhos” (o mesmo que pouco depois participaria do assassinato de Chico Mendes) e de outros pistoleiros de Darly.

Seguindo a lógica da “Teoria do Caracol”, desde junho, mês em que correu o atentado no IBDF (pelo qual mais tarde foram condenados Darci e Oloci, filhos de Darly) e o assassinato de Ivair Igino, era comum ver a quadrilha de Darly Alves desfilando, ostensivamente armada, pelas ruas de Xapuri.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

HISTÓRIA E PERSONAGENS DE UMA MORTE ANUNCIADA

Gomercindo Rodrigues

Na assembleia geral do STR, em dezembro de 1987, numa discussão preparatória para traçar os planos de lutas para o ano de 1988, analisaram-se alguns fatos que começavam a preocupar os trabalhadores:

1. Dois advogados tinham chegado a Xapuri deslocados do interior de São Paulo e trataram logo de abrir um escritório de advocacia;
2. Darly Alves, pistoleiro-fazendeiro, comandante de um verdadeiro bando, que há muito não tinha carro e viajava frequentemente de ônibus pela região apareceu com uma pick-up nova;
3. Os boatos de que os fazendeiros estavam montando um esquema para “desmatarem a qualquer preço” na região de Xapuri, para quebrar o “mau exemplo” de organização dada pelos seringueiros, aumentavam a cada dia; e,
4. Chico, mesmo após ter recebido prêmios internacionais, sofria violentas críticas através da imprensa, feitas pelos políticos tradicionais do Acre.

Os parlamentares, que nem sabiam que o Brasil tinha assinado um contrato com o BID para o financiamento do asfaltamento do trecho Porto Velho-Rio Branco da BR-364, faziam violentos ataques a Chico Mendes.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

“A COMPRA DO CACHOEIRA”

Gomercindo Rodrigues

Em março de 1988, Darly Alves da Silva, que até então tinha a Fazenda Paraná, para lembrar o estado do qual fugira no início dos anos 70, após a prática de crimes, entre eles a ordem para o assassinato do corretor Acir Urizzi, no distrito de Nova Jerusalém, Comarca de Umuarama, apareceu com uma escritura de compra de cerca de seis mil hectares de terra (cerca de 25% da área) no Seringal Cachoeira.

Ninguém sabe, até hoje, de onde Darly arranhou o dinheiro para aquela aquisição, até porque esse fato, que nunca foi investigado, perdeu importância com sua condenação como mandante do assassinato de Chico Mendes. Talvez se se tivesse ido atrás da origem do dinheiro para a compra de 1/4 do Seringal Cachoeira, ter-se-ia chegado a todos os envolvidos no assassinato do líder seringueiro.

Depois de comprar a parte dos fundos do Cachoeira, na divisa com a Bolívia, Darly resolveu que iria abrir um ramal [estrada] até a área que comprara e que, na verdade, estava ocupada há muito tempo por várias famílias de seringueiros.

Para ter um álibi legal para entrar na área, Darly se apropriou de um expediente muito utilizado pelos fazendeiros na década de 1970: indenizou um dos seringueiros que morava na colocação Brasil, dentro da parte do Seringal que havia sido “comprada” por Darly.

O seringueiro – Zé Brito – “vendeu” a colocação à revelia de sua mãe e de seu irmão, que também eram posseiros como ele no mesmo local. Ao saberem da ne-

gociação entre Zé Brito e Darly, para indenização da colocação Brasil, os seringueiros da comunidade se reuniram e propuseram pagar, em associação, mais do que o fazendeiro-pistoleiro oferecia.

Darly oferecera Cz\$220.000,00 (duzentos e vinte mil cruzados), em fevereiro de 1988, e os seringueiros do Cachoeira dispuseram-se a pagar Cz\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil cruzados). Zé Brito aceitou a proposta dos seringueiros e saiu do Seringal para desfazer o “negócio” com Darly. Depois disso, Zé Brito não mais voltou para a área e, pior, incorporou-se aos pistoleiros da quadrilha do fazendeiro.

Sentindo-se empoderado, Darly ameaçou abrir um ramal para retirar toda a madeira da colocação Brasil e espalhou que entraria “de qualquer maneira” no Seringal. Os seringueiros do Cachoeira e seringais vizinhos (Equador, São Miguel, São José, Porto Rico e Nova Esperança), reuniram-se e resolveram acampar na colocação Fazendinha, na entrada do Seringal, para aguardar a invasão do “homem bravo, matador”.

Darly não só não entrou como moveu processo de “reintegração de posse” (de uma posse que não tinha) contra o presidente do Sindicato, Chico Mendes, que não morava na área; contra Raimundo Barros, o “Raimundão”; contra mim, eu, que era assessor do STR de Xapuri; e contra Antônio Teixeira Mendes, o Duda.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

DARLY, OS PISTOLEIROS E A TRAMA DA MORTE DE CHICO MENDES

Gomercindo Rodrigues

O empate do Cachoeira, realizado em março de 1988, sempre foi citado como a principal motivação para que Chico Mendes fosse, em dezembro do mesmo ano, assassinado por Darci Alves Pereira, filho de Darly Alves da Silva, a mando deste.

Na verdade, é preciso saber que tanto Darci como Darly são apenas o rabo da cobra de um esquema que, na época, estava vivo e atuante e que tinha, como tem até hoje, importantes personalidades, nunca descobertas e/ou responsabilizadas pelo assassinato de Chico Mendes como deveriam, por serem verdadeiros coautores, como financiadores diretos ou indiretos desse crime.

O ano de 1988 foi apenas mais um em que a “família Alves”, que já assassinara pessoas em Ipanema, Minas Gerais, na década de 1950, depois em Umuarama, no Paraná, na década de 60 e início dos anos 70, atuasse com muito mais violência, já que, na verdade, são suspeitos de muitos outros crimes insolúveis dos anos 70 e 80, no município de Xapuri.

Registre-se que essa família, cujo patriarca, Sebastião Alves da Silva, faleceu há alguns anos, chegou a Xapuri por volta de 1973, foragida do Paraná, trazendo entre seus membros três suspeitos e/ou acusados de crimes: o próprio Seu Sebastião, que era suspeito de comandar vários crimes na região de Ipanema – MG, Darly e Alvarino Alves, também

acusados de crimes em Ipanema – MG e Umuarama – PR.

Os Alves são temidos até hoje, mesmo passadas décadas, em todos esses locais. Em 1996, quando Darly foi a Umuarama para ser julgado por um crime que mandara cometer ainda nos anos 60 numa localidade próxima de lá, foi possível ver como era temido.

Para se ter uma ideia do temor que despertava, uma testemunha que era policial aposentado apresentou-se no plenário do tribunal do júri disfarçado, usando uma peruca. Ouvi muitos comentários a respeito da violência da família Alves, seja em Xapuri, seja em Umuarama.

Até agora, no entanto, essa família somente foi julgada pelo assassinato de Chico Mendes e o atentado a tiros que promoveu contra o acampamento de protesto de seringueiros na sede do IBDF em Xapuri no início de 1988, após o empate do Equador, tendo, neste caso, Darci e Oloci, filhos de Darly, sido condenados a 12 anos cada um. Em vários outros crimes, nomes dessa família ou pistoleiros a eles ligados aparecem, mas os processos estão emperrados em Xapuri há mais de uma década.

Depois dos acontecimentos do Cachoeira, Darly, financiado não se sabe por quem, manteve permanentemente em sua fazenda cerca de 25 pistoleiros. Eu os contei uma vez.

Foi quando quatro deles foram detidos pela polícia militar de Xapuri porque estavam tomando banho no rio apenas de cuecas. Foram levados para a Delegacia Geral de Polícia. Logo depois, Darly foi à sua fazenda e voltou com os pistoleiros e seu irmão Alvarino. Deixou-os na frente da Delegacia, do outro lado da rua, e entrou sozinho. Saiu com os quatro que tinham sido detidos.

Eu estava em frente a minha casa, em Xapuri, conversando com duas amigas quando lá vinham Alvarino e vinte e cinco pistoleiros. contei-os um a um. O Darly estava com mais alguns circulando pela cidade.

Como eu já disse no início, desde maio de 1988, todos os dias quando eu abria a janela da minha casa, na praça em frente havia dois pistoleiros. Se não estavam, chegavam logo depois.

Era assim em frente ao Sindicato, onde era comum ficar o Darci, o mesmo que atirou em Chico Mendes, e outro. Não faziam nada, apenas acompanhavam todos os nossos movimentos. Estavam sempre armados, mas a polícia nunca os abordava.

Houve, também, uma grande rotatividade de pistoleiros durante 1988. Estávamos sempre muito atentos, pois isso poderia ser a diferença entre a vida e a morte. A grande questão é que era muito fácil identificar um pistoleiro novo na região. Eles chegavam sempre disfarçados de pistoleiros.

Era toda uma indumentária muito própria, um sobretudo ou do interior do Brasil, carregado no “r”, ou nordestino ou paraguaio. Além disso, costumavam comer tapioca, que não sabiam como chamar, com Coca-Cola no café da manhã.

Era a presença desses pistoleiros que fazia com que monitorássemos permanentemente a ação deles, assim, quando eles sumiram na semana que antecedeu ao assassinato de Chico Mendes, eu fiquei angustiado, pois não tinha como monitorá-los e sabia que estavam tramando alguma coisa terrível. Eu sentia isso.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

RESISTÊNCIA ACAMPADA

Gomercindo Rodrigues

Enquanto desenvolvia-se o processo, ao qual concedeu liminar o então juiz da Comarca de Xapuri, cujas decisões, quase sempre, beneficiavam aos fazendeiros, os seringueiros mantiveram o acampamento, que contava com a participação de homens, mulheres e crianças.

A cada vez que havia uma ameaça de Darly entrar no Cachoeira, imediatamente o acampamento era reorganizado. Isso durou mais de um mês.

Ainda quando estavam acampados na colocação Fazendinha, os seringueiros tomaram conhecimento de que no seringal vizinho, o Equador, o grupo Delta começava a desmatar na colocação Recanto.

A ação, a seis quilômetros de onde estavam, fez com que os seringueiros decidissem promover o “empate” ao desmatamento na área do Seringal Equador. Começou ali o primeiro “empate de derrubada” do ano de 1988.

Os fazendeiros, como sempre, recorreram à Justiça e conseguiram não só o direito de desmatar no Seringal Equador, como também garantiram a proteção de 50 policiais militares para proteger os dez trabalhadores que estavam na área para realizar a derrubada.

Mesmo assim, os seringueiros empataram a derrubada por três vezes e, num determinado momento, não fosse a tranquilidade e o equilíbrio de Chico Mendes, teria havido enfrentamento dos seringueiros com a polícia, o que teria gerado um verdadeiro massacre na área.

Tentando ampliar a luta em defesa do Equador e contra a entrada de Darly no Cachoeira, os seringueiros resolveram transferir o acampamento do seringal para a cidade.

No dia 25 de maio, depois de toda uma noite de deslocamento do Seringal para a cidade, centenas de trabalhadores andaram a pé os 16 quilômetros que separam a colocação Fazendinha da BR-317, que liga Xapuri a Brasília, da sede do então IBDF (hoje Ibama) tomaram a estrada totalmente e ocuparam o IBDF como forma de protesto.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.



ATAQUE AO IBDF

Gomercindo Rodrigues

Durante toda a noite do dia 25 de maio, os filhos de Darly, Darci (“Aparecido”) e Oloci, em uma clara atitude de provocação, ficavam passando de moto onde os seringueiros estavam acampados.

Por volta de 1h30 do dia 26, três pistoleiros entraram atirando nas pessoas, a maioria dormindo. Foram cerca de 16 disparos.

Dois jovens seringueiros ficaram feridos, um de 15 anos levou sete tiros de pistola, o outro, de 17, levou dois tiros de revólver calibre 38.

Muito mais tarde, a polícia descobriu que o ataque teria sido feito por Darci e Oloci, filhos de Darly.

O crime do IBDF somente foi esclarecido já no ano de 1989, como desdobramento do assassinato de Chico Mendes.

Os seringueiros do Cachoeira e de vários seringais vizinhos mantiveram a resistência. A mobilização desenvolvida pelo Sindicato foi tanta que, deslocou para o Cachoeira seringueiros de praticamente todo o município de Xapuri. A resistência organizada fez com que Darly nem sequer tentasse entrar na área.

Isso abalou muito o seu prestígio de “homem mau, matador”.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes” editoras UFAC/Xapuri em 2015.

CARTA PRECATÓRIA

Gomercindo Rodrigues

Em setembro de 1988, exatamente no dia em que José Ribeiro era assassinado em Xapuri, Chico, vários companheiros do CNS, eu e outras pessoas e entidades de assessoria, estávamos em Curitiba (PR), participando de um encontro promovido pela Mary Alegretti no IEA (Instituto de Estudos Amazônicos), para discutir e aprofundar o conceito das Reservas Extrativistas.

Aproveitando que estávamos no Paraná, e tendo uma informação de que Darly e Alvarino Alves tinham vindo daquele Estado, Chico Mendes pediu ao advogado Genésio da Natividade, do IEA, que fizesse uma checagem para ver se havia, como se comentava no Acre, alguma coisa da Justiça do Paraná contra os irmãos Alves.

A procura foi rápida: descobriu-se que havia uma ordem de prisão tendo em vista que Darly e Alvarino eram acusados como mandantes do assassinato do corretor de imóveis Acir Urizzi, morto em 1973, em um distrito próximo a Umuarama, no noroeste do Paraná. Chico conseguiu trazer, em mãos, a Carta Precatória com a ordem de prisão contra os irmãos Alves.

Chegando a Rio Branco, no dia 27 de setembro, o Chico, o Dom Moacyr Grechi, bispo da diocese de Rio Branco e coordenador da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o advogado Genésio da Natividade, foram à Polícia Federal, entregar a Carta Precatória em mãos para superintendente da Polícia Federal no Acre, delegado Mauro Spósito, para encaminhamento à Comarca de

Xapuri. Como o delegado não estava, a carta ficou com o subdelegado Ildo, para o encaminhamento imediato a Xapuri.

Levar a Carta Precatória ao superintendente da PM, como medida de segurança, talvez tenha sido o grande erro de Chico Mendes, pois o delegado só encaminhou o documento via Correios, e, mesmo assim, sendo o juiz de Xapuri, Adair Longuini, o delegado Spósito a enviou em nome do juiz Jerônimo Borges Filho, que o antecederia, e que há meses já não respondia pela Comarca.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.



ADAIR LONGUINI

Gomercindo Rodrigues

Endereçada ao “Juiz de Direito de Xapuri”, a Carta Precatória só foi aberta pelo juiz Adair Longuini no dia 18 de outubro. Na mesma tarde, Longuini chamou Chico Mendes ao Fórum da Comarca. Fui com o Chico.

O juiz perguntou ao Chico se ele tinha conhecimento daquele documento, ao que Chico respondeu que sim e explicou como o tinha conseguido e como o tinha feito chegar à Polícia Federal em Rio Branco. De imediato, o Dr. Longuini repreendeu Chico Mendes, dizendo que ele deveria ter levado a Carta Precatória direto para ele.

Chico respondeu-lhe que tinha sido orientado a não fazer isso por questão de segurança pessoal. O Dr. Adair informou, então, que já determinara que o cumprimento da ordem de prisão, mas que, como era final da tarde, fosse feita no primeiro horário do dia seguinte.

O juiz informou ao Chico que, na Comarca, somente ele próprio, o escrivão e o comandante da PM em Xapuri, além de nós, sabiam da existência do documento e da ordem de prisão. Ninguém mais. No outro dia, na primeira hora da manhã, quando foi cumprir a ordem, a PM de Xapuri foi recebida à bala na fazenda Paraná, de propriedade de Darly.

Os dois procurados fugiram. Darly só foi preso pouco depois da morte do Chico, e Alvarino nunca foi capturado. Depois da prescrição do crime, retornou tranquilamente para sua vida de homem livre em Xapuri.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

“NÃO FOI FEITO NADA”

Gomercindo Rodrigues

De acordo com uma anotação de Chico Mendes em um caderninho próprio que tinha para isso, deixou registrado o seguinte:

“27 de setembro à tarde. Darly estava em frente à Federal. Telefonei pra Dr. Reni [Reni Graebner, à delegado da Polícia Federal e superintendente Adjunto da PF no Acre] do Hotel, pedindo (sic) para prender o Darly - Não foi feito nada”.

A Carta Precatória com a ordem de prisão contra Darly e Alvarino havia sido entregue ao delegado Spósito, naquela mesma manhã.

Numa reunião em Brasília, no ano de 1989, após o assassinato de Chico Mendes, portanto, perguntei ao ex-ministro da Justiça Oscar Dias Corrêa, na frente de vários integrantes da Ação pela Cidadania, como os deputados Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), Nelton Friedrich (PSDB-PR), Sigmaringa Seixas (então PSDB-DF, depois PT-DF), vereador Alfredo Sirkis (PV-RJ) e integrantes do Comitê Chico Mendes de Brasília, se não era possível, naquele dia 27 de setembro, já sabendo que o Darly era procurado pela Justiça do Paraná, que a Polícia Federal o prendesse e mandasse dois agentes a Xapuri, com a Carta Precatória, para que o Juiz daquela Comarca desse o “cumpra-se”, para legalizar a prisão já executada. A resposta do ministro foi afirmativa.

Questionado a respeito do tempo que demorou para fazer chegar a Carta Precatória a Xapuri, o delegado Mauro Spósito afirmou que “recebera um envelope aberto” e que o juiz de Xapuri poderia considerar violação de correspondência e que foi a CPT que demorou a enviar o ofício encaminhando o documento.

A afirmação do delegado tem como prova apenas o protocolo manual da Polícia Federal, quando após um carimbo e preencheu, à mão, a data de 13 de outubro de 1988, contra a data constante do ofício que lhe foi remetido pela CPT, onde consta 27 de setembro de 1988, ou seja, no mesmo dia em que o delegado solicitou tal encaminhamento.

Qual seria o interesse da CPT em colocar no ofício a data de 27 de setembro se este tivesse sido enviado dia 13 de outubro, ou qualquer outra data entre aquela e esta? Nenhum! A Comissão Pastoral da Terra encaminhou o ofício na mesma manhã e quem informou isso foi o próprio advogado que o providenciou.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.



FALHA DO ESTADO

Genésio da Natividade

Fui ao Acre pelo Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), convidado pela Mary Allegretti, para ser advogado do Chico Mendes e do Movimento Social, no início de 1988. Como eu tinha experiência na área fundiária no Paraná e os seringueiros tinham a posse, mas não tinham a documentação de suas áreas, meu primeiro objetivo era fazer a defesa das posses deles.

Comecei a defender o Chico porque o fazendeiro Darly Alves fez um pedido de reintegração de posse para o Seringal Cachoeira no Fórum de Xapuri, onde o irmão dele era escrivão e, como não conseguiu entrar no Cachoeira pela resistência dos seringueiros, voltou sua ira contra o Chico e o Gomercindo, que era assessor do Chico.

A defesa passou então a ser uma defesa dos dois e do Sindicato. Era uma defesa de direitos, porque além do processo de reintegração de posse eles abriram processo na polícia contra os seringueiros, acusando-os de crimes que eles não tinham cometido.

A partir daí, vivemos muitos conflitos juntos, tanto em Brasília quanto em Xapuri - principalmente em Brasília - porque o pessoal do Chico já tinha ganhado a direção do Sindicato, mas o governo federal mantinha a intervenção.

Só em outubro de 1988, depois de aprovada a nova Constituição da República, foi que o Ministério do Trabalho saiu do Sindicato de Brasília.

O Chico anotava tudo o que falava. Aonde ele ia, relatava para nós. Ele fez uma visita importante aos Estados Unidos. Ele foi com medo, mas voltou feliz porque foi bem recebido e falou contra o financiamento da BR-364, que estava sendo feito com desrespeito aos indígenas e aos seringueiros.

Conseguiu que o financiamento da rodovia fosse bloqueado até que se fizessem os estudos de impacto socioambiental. Mas quando voltou da viagem, ele já sabia que os políticos do Acre, aliados com gente como o Darly, iam dar cabo da vida dele.

Com o Darly a coisa passou a ser muito pessoal. Uns tempos antes, o Chico me falou que aqueles cabras deviam ser bandidos no Sul do país e que ele, se pudessem, levantaria a ficha deles. Em uma das minhas viagens ao Paraná pesquisei no Fórum de Curitiba e encontrei que o Darly e o irmão dele, o Alvarino, estavam sendo procurados pela polícia de Umuarama, por assassinato.

Fui a Umuarama e peguei a Carta Precatória de prisão dos dois. Chegando em Rio Branco, fui com o Dom Moacyr e o Chico entregar o documento ao delegado Mauro Spósito, que não estava.

Deixamos a Carta Precatória com o subdelegado Ildo, que não tomou nenhuma providência. Um tempo depois, Spósito me ligou dizendo que o procedimento estava incorreto, que a entrega tinha que ser formalizada com um ofício. Fiz a papelada que ele pediu, mas nessa demora a informação foi vazada para o Darly, que fugiu sem dificuldade.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1ª edição, editora Xapuri, 2008.

DELEGADO MAURO SPÓSITO

Gomercindo Rodrigues

Além de agir de forma muito estranha em todo o procedimento, o delegado Mauro Spósito, ou alguém sob seu comando, cometeu falsidade ideológica ao colocar uma data diferente daquela em que um documento foi recebido na Superintendência da Polícia Federal.

Pergunta: numa questão tão sigilosa, seria prudente que o ofício encaminhando a Carta Precatória, que fora entregue nas mãos do então superintendente da Polícia Federal, desse entrada no Protocolo? Evidente que não. O ofício foi recebido pela mesma pessoa que recebeu a Carta Precatória: o delegado Mauro Spósito.

Nesse ponto, a responsabilidade do delegado Mauro Spósito fica evidente: se recebeu uma Carta Precatória para fazer chegar ao juiz de Xapuri, e se sabia o conteúdo de tal documento, porque tinha vindo aberto do Paraná já que, lá, havia sido entregue a advogados para servirem de portadores, o fato de não ter determinado a prisão imediata de Darly somente aumenta as suspeitas sobre o seu modo de agir em toda aquela situação.

Chegaria a ser cômico, se não fosse trágico, que o delegado da Polícia Federal, entre prender um procurado pela Justiça e exigir o lacre do envelope, optasse por esta última situação, sob a presunção de que o juiz da Comarca de Xapuri julgasse mais importante ter o envelope lacrado do que o bandido preso!

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

SUSPEITAS SE AVOLUMAM

Gomercindo Rodrigues

As suspeitas se avolumam envolvendo o delegado Mauro Spósito e Chico Mendes. O próprio Chico denunciou que sofreu duros e longos interrogatórios conduzidos por Spósito quando ele era vereador em Xapuri.

No mês de dezembro, a título de responder à denúncia que Chico Mendes fizera de sua convivência com Darly e Alvarino, o delegado tentou desqualificá-lo, taxando-o de informante da PF e divulgando um dossiê com “alguns documentos” que nunca explicou como conseguiu.

Um dos pretensos documentos de denúncia divulgado foi o porte de arma de Chico Mendes com o carimbo de “cancelado”, no momento em que Chico estava sofrendo as mais duras ameaças. Eu me lembro que por inúmeras vezes o Chico foi a Rio Branco buscar o documento de renovação de seu porte de arma e a resposta era sempre de que ainda não havia chegado.

De repente, do nada o documento que estava na Polícia Federal, sob o comando do delegado Mauro Spósito, sai publicado nos jornais da capital com o carimbo de “cancelado”. Por qual razão se cancelou o porte de armas de Chico Mendes, senão tornar sua defesa mais frágil, uma vez que o Chico vivia sob constante ameaça de morte?

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

ESCOLTA INÚTIL

Nilson Mendes

Em abril de 1988, Chico Mendes solicitou escolta ao Estado e passou a contar com a guarda de dois policiais militares. Mas a escolta dos PMs não lhe dava nenhuma segurança.

No dia 9 de dezembro, em uma palestra que fez, no Rio de Janeiro, o Chico passou o tempo todo falando sobre como sua vida estava em risco, sobre como estava mesmo marcado para morrer, e sobre como não veria o ano de 1990.

Chico começou dizendo: *“Tenho medo até dos policiais que fazem minha segurança. O tiro pode partir de um deles.”* E completou: *“Se adiantasse para alguma coisa a minha morte, eu não teria medo. Mas, na verdade, minha morte significa apenas menos um combatente em defesa da Amazônia”.*

No dia 16, um dia depois do seu aniversário, há notícias de que o Centro de Informações da Polícia Militar comunicou ao Chico Mendes, que estava em Rio Branco, sobre a presença na cidade de um pistoleiro enviado para matá-lo. Chico relatou à amiga Raimunda Bezerra que, durante cinco dias, estava sendo seguido por pistoleiros em um Voyage.

Mas eu, Nilson Mendes, que sou primo do Chico e era companheiro dele, digo que o Chico só perdeu a vida porque inventaram essa coisa de segurança pública, do governo botar polícia para proteger a vida dele. Porque quando a coisa era com a gente, a jagunçada rodeava, rodeava e dava o fora.

A jagunçada sabia que pra pegar o Chico tinha que pegar pelo menos oito seringueiros. E que se fossem se acercar da casa do Chico o que eles iam matar eram outros seringueiros e não ele. Se fosse por nós, seringueiros, o Chico ia viver por muito tempo. O Chico escutava a gente muito, mas quem decidia as coisas era ele. Só uma vez que quem decidiu fomos nós.

Um tempo antes de ele morrer, ele chamou os companheiros e disse que ia fazer greve de fome para acabar logo com a tortura das ameaças. Ele chegou e foi logo dizendo: “Vou fazer greve de fome, porque sem uma ação mais forte vai continuar tendo morte, vai continuar tendo ameaça, vai continuar tendo desmate, então eu vou fazer esse ato.”

Foi uma discussão danada, porque os seringueiros não concordaram. A gente fez um movimento, chamou padre, chamou bispo, chamou companheiros, chamou muita gente para conversar com ele. A gente dizendo que, se ele insistisse naquilo, se fizesse greve de fome, ia ser um empate doido porque todo mundo também fazia, e todo mundo morria com ele.

Então ele decidiu que se para fazer greve de fome precisava de toda aquela confusão, ele só ia morrer lutando. Ele disse: “Então é isso, morro de pé, porque sou um brasileiro e não vou desistir nem da luta, nem do meu lugar, nem do meu chão.”

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.

INFORMAÇÕES NO PROCESSO

Gomercindo Rodrigues

Sobre a estranheza dos procedimentos do delegado Mauro Spósito, ou da Polícia Federal, que ele comandava no Estado do Acre, é de se registrar que o próprio processo do Caso Chico Mendes traz informações muito importantes nas suas mais de duas mil páginas.

Em depoimento prestado durante a fase de instrução do processo penal (Autos no 5929/89, da Comarca de Xapuri), confirmado no plenário do Tribunal do Júri, o então escrivão dos cartórios cíveis e criminais da Comarca de Xapuri, Sr. Raimundo Dias de Figueiredo, registrou o seguinte:

Que o acusado Darly esteve no Cartório local e perguntou ao depoente chegado contra a sua pessoa alguma Carta Precatória provida do Estado do Paraná; que a testemunha respondeu ao Sr. Darly, na condição de Escrivão do Cartório Cível e do Crime que não era do seu conhecimento a chegada de Carta Precatória nesta Comarca para cumprimento; que o Sr. Escrivão, ora depoente respondeu também ao Sr. Darly que todas as correspondências dirigidas ao Juiz passam pela mão do Sr. Escrivão e que não tinha visto nada nesse sentido; que respondeu também ao acusado Darly que quem poderia dar melhores informações sobre a existência dessa carta era o MM. Juiz dessa Comarca, ora presidente desta audiência; que na oportunidade

disse Darly à testemunha que já sabia que a Carta Precatória estava no Acre e que o finado ‘Chico Mendes’ possuía uma fotocópia; que também disse Darly que tal carta encontrava-se na Polícia Federal; que Darly disse ainda à testemunha que ele mostraria ao ‘Chico Mendes’ que ele não pegaria mais no seu pé visto que nem sua mulher o faria e ele poderia aguardar o que iria acontecer...” (O depoimento está nas fls 603, do 50 volume dos autos do processo no 5929/89, da Comarca de Xapuri, referente ao Caso Chico Mendes).

Agora eu posso voltar a perguntar, aliás uma pergunta que nunca foi respondida e que nunca calou para mim em cerca de 35 anos: Como o Darly tinha conhecimento de que havia uma Carta Precatória contra ele e que quem a tinha era a Polícia Federal, se nem o juiz de Xapuri ainda tinha conhecimento do documento?

Tudo o que disse a respeito do delegado Mauro Spósito foi levado ao conhecimento dos Srs. Romeu Tuma, então Diretor Geral da Polícia Federal e José Fernando Einchenberg, então secretário do Ministério da Justiça, em uma reunião realizada em Xapuri no dia 26 de dezembro de 1988, quatro dias após o assassinato e um dia depois do enterro de Chico Mendes.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

ROMEU TUMA

Gomercindo Rodrigues

Quando recebeu as informações, o Dr. Romeu Tuma disse que iria apurá-las, já que não tinha conhecimento desse affair de Chico Mendes com o delegado Mauro Spósito, mas que não se poderia misturar essas informações com outras para que não prejudicasse as investigações que levariam aos autores do assassinato.

O Dr. Romeu Tuma prometeu que iria apurar tudo o que dissesse respeito ao delegado Mauro Spósito e que enviaria as informações ao Sindicato e às entidades que participavam da reunião em Xapuri. Até os dias de hoje, nenhuma informação chegou à terra de Chico Mendes. Há de se ressaltar, ainda, que o delegado Mauro Spósito, mesmo sob suspeita, foi levado para Brasília pelo delegado Romeu Tuma, de quem se tornou assessor por muitos meses.

Só mais uma coincidência entre tantas que pesam sobre o delegado Mauro Spósito: pouco tempo depois da morte de Chico Mendes, quando já fora levado para Brasília, o ex-superintendente da Polícia Federal no Acre encontrou-se casualmente com a Dra. Sueli Bellato, uma das advogadas que trabalharam no Caso Chico Mendes como assistente da acusação, e apresentou-lhe, educadamente, seu acompanhante: o advogado João Branco, presidente da UDR no Acre à época do assassinato de Chico Mendes e que dirigia o jornal “O Rio Branco”, do qual era sócio minoritário.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

ROMEU TUMA NO PROGRAMA DO JÔ SOARES

Nilo S. Melo Diniz

Meses após o assassinato de Chico Mendes, com o clima ainda tenso no Acre. Em São Paulo, o delegado Romeu Tuma comenta jocosamente no programa de Jô Soares (SBT- abril/89), que o juiz Adair Longuini, responsável pelo caso, havia colocado papéis e folhas de jornal nas janelas do Fórum de Xapuri para se proteger de um possível atentado.

O jornalista Zuenir Ventura, na reportagem “O Acre de Chico Mendes” (Prêmio Esso 89), explica que, na verdade, os papéis pregados nas janelas serviam para evitar que o ar refrigerado escapasse pelas frestas.

Mesmo com aquele intenso calor amazônico, elas eram mantidas fechadas por medida de segurança.

Fonte: “Chico Mendes: Um Grito no Ouvido do Mundo”, editora Appris, 2019.



SOBRE A AUTORIA MATERIAL DO CRIME

Gomercindo Rodrigues

Quanto à autoria material do crime contra Chico Mendes, quero ressaltar que não existe nenhuma dúvida. Os depoimentos e a própria confissão de Darci Alves Pereira são ricos em detalhes.

A única divergência é que Darci insistiu o tempo todo que estava “sozinho” quando praticou o crime, o que não é verdade, pois quando da fuga ele foi visto acompanhado de outra pessoa: o “Mineirinho”.

Para que não paire qualquer dúvida, é interessante ver alguns dados mais gritantes: quando da reconstituição do assassinato, antes de ir ao local, onde o caminho foi totalmente refeito pelo assassino, os delegados especiais e legistas deslocados de São Paulo realizaram um minucioso interrogatório com Darci, onde ele confessou detalhes do crime e, principalmente, descreveu com precisão o local do crime, demonstrando que conhecia perfeitamente o terreno.

Quando do interrogatório que precedeu à reconstituição, Darci repetiu para os policiais do DEIC de São Paulo, sobre o assassinato de Chico Mendes, que: *“foi eu mesmo que fiz, o homem vivia ameaçando meu pai. Todo dia na imprensa, no rádio...”*

Precisou, inclusive, suas ações no dia do crime, dizendo que decidiu “fazer o crime” por volta do meio-dia. Disse que saiu de casa por volta de uma hora da tarde, andou vinte e cinco quilômetros, mais ou menos, até Xapuri, onde teria chegado por volta das cinco e meia da

tarde, tendo ficado na cidade, até que escurecesse mais.

“Aí eu cheguei lá. Foi a hora que o sino da igreja bateu (...) Devia ser umas seis horas (...) Aí eu fiquei na base de uns vinte metros ou trinta. Aí cometi o crime”.

Perguntado onde estava quando atirou, respondeu: *“eu estava atrás de um pé de coco. Dentro do quintal dele é que fica (...) Bom, eu fiquei atrás do coqueiro. Eu cheguei, tinha lá um portão. Eu entrei no quintal dele. E aí eu vi o pé de coco, me encostei lá, e fiquei parado lá, aguardando. Ele logo em seguida saiu”.*

Questionado se não levara nada com ele, foi categórico: *“eu levei (...) uma capa de chuva (...) preta”*; a descrição coincide com uma capa encontrada no mato existente atrás da casa de Chico Mendes, entre esta e o Rio Acre, pouco antes de chegar ao seu quintal.

Sobre como fez para atirar e como era o local de onde atirou, não teve dúvidas: *“Estava sentado (...) numa pilha de tijolo, beirando o coqueiro...”* Descreveu como estava Chico Mendes no momento do crime: *“para mim, ele estava com uma toalha no ombro. E estava com uma lanterna na mão (...) Só a lanterna. E não sei se era toalha que ele tinha no ombro (...) Quando ele abriu a porta, o foco da lâmpada da casa dele bateu no rosto dele. Aí deu para reconhecer que era ele mesmo...”*

E sobre a localização da casa e arredores: *“fica beira-rio (...) desci rio abaixo (...) Lá tem uma cerca onde prende o gado, para atravessar o rio (...) No fundo da casa dele tem uma gruta lá...”*

É importante ressaltar que Darci, até ser preso após o assassinato de Chico Mendes, estivera foragido pelas

matas e fazendas da região. Não era possível que ele soubesse tantos detalhes que coincidiam com o encontrado pela polícia até então se não estivesse, realmente, no local e no horário do crime. Efetivamente nos fundos do quintal da casa de Chico Mendes havia uma cerca de madeira, com um pequeno portão.

Dentro do quintal, pouco atrás do banheiro, a cerca de 9 metros, havia um pé de coqueiro e junto deste uma “*pilha de tijolos*”. A reconstituição foi conduzida pelo Dr. Eduardo, um delegado do DEIC-SP, Drs. Nelson Massini e Badan Palhares, então ambos médicos legistas da Unicamp:

Dr. Eduardo: Certo. E o que você levou com você?

Darci: *A espingarda.*

Dr. Eduardo: *E o que mais?*

Darci: *A espingarda, a capa e uma bolsa.*

Dr. Eduardo: *O que tinha nessa bolsa?*

Darci: *A capa dentro.*

Dr. Eduardo: *Ah! Você colocou a capa dentro da bolsa?*

Darci: É. Certo.

Dr. Eduardo: *Que cor é essa bolsa?*

Darci: *A bolsa é preta.*

Dr. Eduardo: *Essa bolsa preta, Darci, de que era? Era uma mala, pendurar?*

Darci: *É de pendurar nas costas.*

Dr. Eduardo: *Tipo mochila?*

Darci: *É....*

Dr. Eduardo: A arma você levou na mão. A mochila nas costas. Aí você saiu correndo, deu o tiro...

Darci: *Não. Quando eu dei o tiro, a mochila eu tinha largado no mato.*

Dr. Eduardo: Ah! Você tinha largado a mochila no mato.

Darci: *Aqui, na base mais ou menos por aqui. Aqui é limpo... e eu tinha largado ela na beira do mato, pendurada num ramo (ao falar, acompanhou a descrição com um gesto indicando precisamente o local onde tinha deixado a mochila e que coincidia exatamente com o local onde ela foi, efetivamente, encontrada pela polícia no dia seguinte ao assassinato de Chico Mendes.*

Dr. Eduardo: Por que?

Darci: *Na hora que eu saí correndo esqueci ela ...”*

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.

QUEM MAIS ESTAVA NA “TOCAIA”

Gomercindo Rodrigues

Como se pode ver, a clareza na descrição do crime e do local, onde a única coisa que não combina, como já disse, com outros depoimentos constantes no processo é que, na verdade, eram duas pessoas quando da execução do crime (o outro era Jardeir Pereira, o “Mineirinho”).

A reconstituição do crime feita por Darci mostrou detalhes tanto do caminho seguido quanto de locais onde demorou-se mais, como onde deixou a mochila com a capa escondida, que somente quem estava na hora do crime conheceria.

Outro detalhe importante a ser ressaltado é que Darci fez questão, sempre, de afirmar que estava sozinho quando da execução e que andara por aquele caminho uma única vez, o que ficou pelo profundo conhecimento do terreno como a “grotá” entre o quintal de Chico Mendes e o rio Acre, bem como a “pilha de tijolos”.

Outro fato interessante a registrar, aparentemente pequeno, mas que mostra como Darci conhecia profundamente o caminho, é que ao longo da “trilha” existente na mata por onde andou até chegar à casa de Chico Mendes, havia um pé de mangueira e, embaixo dele, havia uma sacola de nylon, daquelas que se usava muito para ir à feira, cheia de latas e pedaços de madeira, mostrando que era brinquedo de criança.

Ao passar por aquela sacola, que estava no chão, Darci informou que “*no dia do crime*” ela estava pendurada no galho da mangueira. Efetivamente, até o dia anterior à reconstituição ela estivera pendurada.

Ao percorrer o caminho, para conhecê-lo, antes da reconstituição o Dr. Palhares cortara, com um estilete, o tecido que amarrava a sacola ao galho, para saber se havia algo dentro que pudesse servir de prova.

Não havia, mas Darci sabia onde a sacola estivera, ou seja, nenhuma dúvida há de que ele é um dos autores materiais do assassinato de Chico Mendes. Seria interessante saber o porquê de sempre ter protegido o “Mineirinho”.

O caminho existente na mata ciliar atrás da casa de Chico e dos vizinhos mostrava que havia sido percorrido inúmeras vezes, até porque, próximo ao local onde Darci disse ter deixado a mochila com a capa preta, havia um garrafão d’água de cinco litros e várias “pontas de cigarro” de diferentes marcas, o que mostra que os pistoleiros já estavam realizando a tocaia há vários dias, o que desmente, também, a afirmação de que Darci resolveu cometer o crime no mesmo dia em que o realizou.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.



“SABIA QUE CHEGARIA, A MORTE SEM AVISAR”

Gomercindo Rodrigues

É possível que Chico Mendes estivesse sendo tocaiado desde o início do mês de dezembro de 1988, somente não tendo sido atingido antes porque esteve viajando para São Paulo, Rio de Janeiro e, depois, Sena Madureira, para coordenar o encontro de seringueiros do Vale do Purus.

Quando chegou a Xapuri, no dia 14 de dezembro, véspera de seu aniversário de 44 anos, Chico Mendes recebeu uma pequena festa surpresa organizada por seus amigos. Nessa festa ele ganhou de presente a toalha que estava no seu ombro no momento em que foi atingido.

Possivelmente Chico Mendes não foi atingido naquele dia 15 porque havia várias pessoas, o que poderia gerar uma reação imediata. Os pistoleiros devem ter decidido aguardar uma outra oportunidade.

Do ponto de vista técnico, é de se frisar que os peritos da Unicamp que se deslocaram para o Acre após o crime, ao analisarem um fio de cabelo encontrado na capa preta, citada pelo próprio Darci em seu depoimento, e comparar essa análise com um fio de cabelo arrancado pelo próprio pistoleiro de sua cabeça, constataram que ambos eram idênticos.

Vários depoimentos dão conta de que eram duas pessoas que passaram correndo pela rua pouco acima da casa de Chico Mendes após o disparo que o vitimou e isso acabou sendo confirmado pela amásia de um dos

“Mineirinhos” que contou em seu depoimento que realmente ouvira seu cunhado e Darci, por volta de meia-noite do dia 22 de dezembro, comentarem que tudo ficaria mais tranquilo porque tinham dado conta de Chico Mendes.

Em juízo, essa depoente negou o que dissera na fase policial, mas caiu em tantas contradições que o próprio juiz resolveu ordenar a instauração de inquérito para apurar o crime de falso testemunho.

Com relação à participação de Darly Alves da Silva, torna-se evidente não só pelo que declarou o Escrivão do Fórum de Xapuri, conforme depoimento já citado, como pelo fato de que todos sabiam que na família a ordem para executar qualquer tipo de “trabalho” ou “quebra de milho”, no linguajar dos pistoleiros, vem sempre de cima.

Nenhum dos filhos de Darly ou Alvarino tomariam qualquer decisão sem a ordem do pai. O depoimento de um ex-vaqueiro da fazenda Paraná coloca tudo muito mais claro:

“QUE no mês de dezembro próximo passado, realizava seus serviços (vaqueiro), na Fazenda Paraná de propriedade de Darly Alves da Silva; QUE dois após ao assassinato da pessoa de Francisco Alves Mendes Filho, ‘Chico Mendes’, por volta das quinze horas, o declarante e Oloci Alves da Silva, de posse de dois animais de montaria, se deslocaram para fundos da fazenda para rebanhar um gado; QUE nesse local, na ocasião em que mexia com o reba-

nho, Oloci Alves da Silva, adiantou ao declarante, que quem haviam assassinado a pessoa de Chico Mendes, teriam sido as pessoas de Darci Alves da Silva, vulgo ‘Aparecido’ e ‘Serginho’ Jardeir Pereira, a mando de Darly Alves da Silva; QUE afirma também o declarante, que Darci e Jardeir, estavam temendo a consumir o crime, mas por várias insistência do pai os mesmo resolveram a aceitar e que Darly Alves da Silva falou aos mesmos que teriam de honrar os dois metros de panos que trajavam” (Redação conforme o original).

Esse depoimento foi transcrito da página 950 do processo no 5929/89 e confirma um primeiro depoimento dessa testemunha durante a fase policial e que foi negado perante o juiz da Comarca de Senador Guimard, onde estava residindo Alicio Dias de Oliveira.

Para explicar porque negou em juízo anteriormente esse depoimento, a testemunha disse que tinha sido orientada pelo advogado de Darly, disse que em juízo, na frente do advogado, não teve coragem de reafirmar isso, mas manteve o conteúdo do depoimento que incriminava Darly.

A família Alves da Silva carrega uma história extremamente sangrenta, com muitas páginas escritas a chumbo e sangue, desde Ipanema, Pocrane e Conselheiro Pena, em Minas Gerais, passando por e seus distritos, oeste do Paraná, até chegar ao Acre, onde a prática sangrenta e covarde continuou.

Em Xapuri é corrente uma estória de que quando lá chegou, no início dos anos 1970, o patriarca da família,

Sebastião Alves, já falecido, apresentou-se como pastor de uma igreja evangélica que fundara e, inclusive, em programas de rádio, para falar da bondade de Deus”, mostrava-se como exemplo de conversão, dizendo que já matara muita gente até ser convertido.

Ao dizer isso, afirmava o pastor que na verdade não matara ninguém porque “a gente aperta o gatilho, se disparar é porque Deus deixou, porque Ele é o dono da vida.”

Os crimes perpetrados pela família Alves em Xapuri, especialmente os imediatamente anteriores ao assassinato de Chico Mendes foram todos registrados no processo, em depoimentos da testemunha Genésio Barbosa da Silva, um garoto que, à época, tinha 14 anos de idade, cuja irmã era mulher de Oloci e que estava sendo “treinado para ser pistoleiro”. Ele resolveu fazer outra escolha...

Ressalte-se que nunca foi apurada a possível participação, como financiadores e/ou coautores intelectuais, de alguns fazendeiros e políticos locais interessados na eliminação de Chico Mendes.

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.



FEZ-SE A JUSTIÇA POSSÍVEL NÃO A JUSTIÇA TOTAL

Márcio Thomaz Bastos

Quando o Chico Mendes morreu, eu era Presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). A gente se mobilizou para prestar solidariedade à família e ao Movimento. A OAB entendeu que era importante ajudar no processo, então pegamos procuração da família, montamos uma equipe e entramos no caso como assistentes de acusação.

Fomos tocando, com vários escritórios, vários advogados, seguindo todos os passos. Não perdemos nenhuma audiência, comparecemos a todas. Eu mesmo fui várias vezes ao Acre. O julgamento foi emocionante, muito emocionante. É sempre bom para um advogado sentir que a opinião pública está do lado da vítima que ele defende.

No dia do Júri, nos deslocamos, fomos para Xapuri e fizemos o julgamento que durou uma semana. Não acredito que tenhamos pegado todo mundo, muita gente ficou de fora, mas aquele resultado foi o máximo que conseguimos, dentro daquela circunstância. Eu tive a sensação de que eu estava cumprindo ao mesmo tempo um dever de cidadão e de advogado.

Foi uma semana inesquecível, principalmente porque eu tinha a esperança de que estivéssemos, ali, estabelecendo um padrão de justiça, já que, realmente, para o padrão nacional, o julgamento aconteceu muito rápido, em menos de dois anos.

Infelizmente essa foi uma exceção que não mudou a regra, porque a justiça para os pobres continua muito lenta. Eu acredito que foi a pressão internacional que acabou fazendo com que aquele processo andasse um pouco mais depressa. Depois houve recursos e eu continuei no caso até a confirmação da sentença.

Condenamos o assassino e um mandante. Fez-se a justiça possível, não a justiça total.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.



A FALTA QUE MEU PAI ME FAZ

Angela Mendes



Angela Mendes - Foto: Arquivo Pessoal

Sou Angela, a filha mais velha de Chico Mendes. No ano em que meu pai foi assassinado, eu estava com 18 anos e grávida, esperando Angélica Francisca, minha primeira filha. Como a gente não tinha uma convivência contínua, com ele na luta e eu aqui em Rio Branco, eu achava que talvez não fosse sentir tanto aquela morte anunciada, que ele mesmo sabia que estava por acontecer.

Mas quando meu pai morreu foi horrível. Até hoje para mim não é nada fácil falar disso, porque ainda me toca muito. Foi como se o chão tivesse fugido de debai-

xo dos meus pés. Entrei em um buraco de desespero por não compreender como uma pessoa tão querida como o meu pai podia ser morta daquela forma tão covarde.

O destino separou meu pai de mim muito cedo. Ele casou com minha mãe em 1968 ou 1969, não sei ao certo, e a situação financeira deles era precária, de extrema pobreza, mesmo. Ele já estava envolvido no Movimento, e eles não tinham nenhuma renda. Eles só tinham a mim e à minha irmã, que veio a falecer com 11 meses de vida, devido à precariedade do local distante onde a gente vivia, sem condição de tratamento médico.

Tive que vir morar com outros familiares em Rio Branco, porque a situação era difícil. Meu pai se separou da minha mãe, e o destino nos separou a todos. Mas desde pequena tive contato com o meu pai, porque ele sempre vinha me ver quando passava por Rio Branco.

Nosso último encontro foi justo na semana do assassinato dele, porque ele veio me ver quando chegou de viagem, antes de voltar pra Xapuri. Mas até hoje, a cada momento em que penso, em que falo sobre ele, em que ouço o nome dele, passo pelo mesmo sofrimento de 35 anos atrás. Sinto muita falta das nossas brincadeiras, do carinho que a gente tinha um pelo outro, da vontade que a gente tinha de ter uma convivência diária.

Nas vindas dele a Rio Branco e nas minhas idas a Xapuri - naquele ano eu tinha passado as minhas férias com ele - a gente foi criando laços muito fortes. Na última vez que nos vimos, nossa despedida foi de muito carinho, de muita compreensão e, de repente, pronto: eu descubro que não vou vê-lo nunca mais.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.

OS ÚLTIMOS DIAS DE CHICO MENDES

Jorge Viana

Para mim foi um misto de privilégio, de alegria e de tristeza ter vivido a fase mais delicada da vida do Chico, seus últimos anos, seus últimos dias, até aquele fatídico 22 de dezembro de 1988. Vivíamos dois momentos: o de quase um consenso que o Chico tinha descoberto uma nova maneira de caminhar e o da insegurança por medo da violência que acabou por matá-lo.

Ao mesmo tempo em que o Chico, no seu jeito simples de ser, nos enchia de convicção de que agora tínhamos uma nova agenda capaz de ganhar o mundo, também vivíamos a ameaça da ruptura mais dramática e mais inaceitável, que foi a perda da vida dele.

O nosso poeta Thiago de Mello fala que nem sempre temos que buscar um novo caminho, que às vezes basta achar um jeito novo de caminhar. O Chico, que era um grande articulador, estava descobrindo algo muito novo, que era colocar a Amazônia na agenda do Brasil sob a ótica ambiental.

Para muitos, naquela época, o discurso do Chico parecia coisa de extraterrestre, em um tempo em que a imensidão da Amazônia engolia seus problemas. Sem os recursos de hoje, sem a comunicação via satélite, a visão geral sobre a Amazônia era muito curta.

Mesmo para nós, às vezes, parecia que o problema não era e nem nunca iria ser do tamanho que o Chico colocava. Hoje o que mais lamento é não ter o Chico aqui conosco, celebrando as coisas boas que vieram

depois dele e lutando para corrigir aquilo que não deu certo, ainda. Porque nesse intervalo de 35 anos entre aquela fase tão interessante e tão triste, tão cheia de esperança e de fatalidade, tem um meio que tem muita substância.

Como falar de vitória com perda de vida? A nossa luta política no Acre foi precursora porque ela trouxe, com sucesso, pra dentro dela, a responsabilidade de levar adiante a visão de mundo e da Amazônia que o Chico tinha. Eu, pessoalmente, sempre tenho o Chico como uma espécie de conselheiro dentro da minha memória, indicando a minha responsabilidade nesse processo.

O legado do Chico sempre esteve aqui dentro da minha cabeça, e tenho a certeza de que muitos companheiros e companheiras que ocupam espaços de poder no Acre e no Brasil têm o mesmo sentimento. Nosso compromisso é materializar os ideais que o Chico tão bem sinalizou para nós. Ele vislumbrou que o melhor caminho era fazer da luta local, que atraía pouca atenção, que agregava poucos aliados, uma luta grande, uma luta do mundo.

O Chico deu esse imenso salto com simplicidade, nos convencendo de que não adianta lutar por trabalho se a gente não tem casa, de que não adianta ter casa se a gente não tem o ambiente. O Chico viu, bem antes de nós, que a casa e o trabalho estavam dentro de um mesmo ambiente e que, defendendo o ambiente, sendo esse ambiente a Amazônia, o Brasil, o planeta, a gente estaria defendendo pão, terra, trabalho e liberdade.

O Chico estava fazendo todas as lutas dentro de uma visão que nenhum de nós tinha naquela época. Le-

var adiante o legado do Chico nos impôs ser criativos, romper com paradigmas, nos desafiar a nós mesmos e pautar a temática ambiental sem a menor perspectiva de voto, porque na realidade ela, tirava votos; sem a menor perspectiva de mandato, porque na verdade, falar dos sonhos do Chico evitava ganhar eleição.

Mas, aos poucos, começamos a ganhar nossos mandatos: primeiro, a Marina; depois eu entrei na campanha para o governo em 1990, que não deu para ganhar, mas ajudou a avançar. Devagar, as coisas foram melhorando para o Acre e para o Brasil, tendo, por exemplo, o próprio Presidente Lula, que vem dessa trajetória de luta, se tornado o primeiro presidente operário da história do Brasil.

E os ideais, os sonhos do Chico venceram, eles ganharam muito mais força do que a força da bala, da eliminação física; eles ganharam uma força eterna, que está sendo mais ou menos assumida pelo Brasil e pelo mundo, e por nós também aqui no Acre.

Nós não tínhamos dúvidas de que o caminho era esse. E eu tive o privilégio de conviver com o Chico nos seus últimos três anos de vida. Andei muito com ele e pude vê-lo negociando projetos e discutindo orçamentos, com gente de embaixadas, com o BNDES.

Aliás, o BNDES foi o primeiro banco a financiar a Cooperativa de Xapuri, que na época era um misto de Sindicato e Cooperativa, através de um projeto que fizemos na Funtac (Fundação de Tecnologia do Estado do Acre), com o Gomercindo escrevendo, o Toinho e o Macêdo ajudando.

O Gil Siqueira foi o grande articulador desse projeto. O Terri também foi muito importante, principalmente pela parte indígena. Eles fizeram um projeto ousado, e o BNDES fez um financiamento ousado, que gerou uma reação forte por parte do governo do Estado do Acre.

À época acontecia uma ruptura do modelo patrão/empregado, com os seringueiros lutando por sua autonomia trabalhista. Surgiu a ideia de criar cooperativas. Mas o Sindicato não tinha apoio, não tinha linha de crédito, não tinha nada. Então o projeto acabou saindo e dentro dele entrou um caminhão para Xapuri. E foi esse caminhão, comprado com o dinheiro do projeto do BNDES, que deu mais um dia de vida pro Chico.

Poucos dias antes de morrer, o Chico chegou do Rio de Janeiro. Ele esteve no meu trabalho e eu pedi muito para ele não ir para Xapuri. Ele disse que não tinha acordo, que estava indo para casa. Ninguém queria que ele fosse, nem o pessoal do Rio de Janeiro, nem o pessoal de Rio Branco, nem o próprio pessoal de Xapuri.

Mas o Chico estava com saudades das crianças e tinha aquela paixão pela Ilzamar. Estava chegando o Natal, e ele decidiu ir para casa. O Chico não disse, mas estava claro que ele queria enfrentar aquela situação. Eu falei que ele precisava ficar em Rio Branco porque o caminhão tinha chegado, estava na revisão e era para ele levar.

Aí o rosto do Chico se iluminou, ele mudou de ideia e ficou esperando pelo caminhão. No dia seguinte, o Chico pegou o caminhão e foi para Xapuri. Chegando lá, ele encheu o caminhão de crianças, rodou a cidade

inteira, soltou foguetes para celebrar a maior conquista dele e do Movimento.

O caminhão ia servir para romper com o ciclo da exploração, porque com ele os seringueiros iam poder tirar seus produtos da floresta, iam poder levar comida para suas casas sem passar pelo barracão do patrão. Então, o fato é que ele viveu mais um dia por causa daquele bendito caminhão.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.



“VOCÊ NÃO SABE MENTIR, COMPANHEIRA”

Rosa Roldán

Conheci o Chico Mendes no Rio de Janeiro, em 1987, através de duas companheiras geógrafas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que estavam trabalhando no Acre. Curiosas com as constantes matérias publicadas nos jornais locais, elas foram até Assis Brasil assistir a uma reunião entre indígenas e seringueiros, organizada pelo Chico.

Ficaram amigas dele e, aproveitando uma passagem do Chico pelo Rio de Janeiro, depois de uma viagem ao exterior, convidaram o Chico Mendes para fazer uma palestra na Pontifícia Universidade Católica [PUC-Rio].

Naquela palestra, ele nos comoveu desde os seus primeiros relatos, despertando a vontade de fazer algo para ajudá-lo em sua luta para salvar as seringueiras, a Floresta Amazônica e, no pensar do próprio Chico, a humanidade.

Nossa ajuda, segundo ele, era muito importante, caso contrário aquela história não sairia do Acre. Fundamos, então, o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta e começamos a fazer articulações políticas com a academia e com a imprensa para colocar o Chico Mendes em evidência nacionalmente.

Durante o ano de 1988, conseguimos trazê-lo ao Rio e levá-lo a São Paulo muitas vezes, não somente para divulgar suas ideias, mas também para pedir solidariedade à luta dele no Acre contra a violência do lati-

fúndio, e para denunciar as ameaças de morte que ele e seus companheiros sofriam constantemente.

Em 9 de dezembro, Chico Mendes veio ao Rio fazer uma palestra no Paço Imperial. Fui alertada por companheiras do Comitê que estavam trabalhando em Rio Branco que os boatos sobre sua morte só aumentavam, e que a promessa do latifúndio era eliminá-lo antes do ano de 1988 acabar.

Redobrei meu cuidado com ele aqui no Rio, por precaução. Embarquei o Chico para Rio Branco no dia 10, muito apreensiva. Ao voltar do aeroporto, decidi dar uma caminhada pela praia. Estava muito mal.

Quando retornei para casa, o Chico, não conseguindo embarcar, tinha voltado do aeroporto. O avião teve uma pane, sobrevoou meia hora e fez uma aterrissagem forçada. Pedi a ele que encarasse aquilo como um aviso, apesar de não me considerar supersticiosa.

Como se não bastasse, recebemos um telefonema do advogado do Movimento, de Rio Branco, pedindo que o Chico não voltasse. Depois soubemos que fazendeiros haviam se reunido em Brasília para votar sua morte até o fim daquele ano.

Não conseguimos convencer Chico a ficar no Rio de Janeiro. Ele alegava que não abandonaria a luta e nem seus companheiros, mesmo ciente de que poderia morrer.

No dia 11, eu o embarquei pela última vez para o Acre. Não quis me despedir chorando. Brincando, dei-lhe um abraço de aniversário que seria dali a poucos dias, no dia 15 de dezembro, dizendo que ele ia morrer de velho, só para contrariar aqueles maus agouros que não paravam de chegar.

Ele me olhou sorrindo e disse: “*Você não sabe mentir direito, companheira.*” Onze dias depois, ele foi assassinado na porta dos fundos, que dava para o quintal de sua casa, em Xapuri. Recebi a notícia por telefone, minutos depois de sua morte. Não tive tempo de chorar. Passamos toda a madrugada do dia 22 divulgando o crime para a mídia nacional e internacional e telefonando para amigos e entidades aliadas. Não quis ir ao enterro, para guardar sua imagem viva.

Nosso trabalho para conseguir a condenação de seus assassinos não foi fácil. Tivemos que manter a chama acesa, informar a imprensa brasileira e estrangeira, apurar denúncias, traçar estratégias com os advogados.

Conseguimos, parcialmente, que a justiça fosse feita, punindo o assassino e um mandante do crime. Entretanto, sabíamos que, além deles, a União Democrática Ruralista (UDR) e seus aliados políticos estavam envolvidos na trama daquela morte.

O saldo positivo de nossa luta contra a impunidade fez que nos anos seguintes, nenhum companheiro do Movimento fosse assassinado no Acre. O maior tributo que podemos render não só a ele, mas a todos os que deram suas vidas por um pedaço de terra - lutando por justiça, por uma vida melhor e pelo respeito à natureza - é continuarmos com suas lutas. Para os que acreditamos nisso, os Chicos Mendes que tombaram por todo este país permanecerão vivos.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.

UM TOM DE DESPEDIDA

Sueli Bellato

Era quase noite de Natal. Os trabalhadores rurais de Xapuri agora contavam com um caminhão amarelo para ajudar a escoar a produção da castanha, da borracha, de seus produtos extrativistas, e para fortalecer a organização sindical, econômica e cultural de suas comunidades.

Uma volta na cidade com o caminhão novo, conseguido via BNDES, cheio de crianças, foi a forma que Chico Mendes encontrou para comemorar as vitórias alcançadas no ano de 1988.

Antes de ser servido o jantar, para relaxar, uma prazerosa partidinha de dominó e um bom banho com direito ao uso da toalha nova, presente do último aniversário, no dia 15 de dezembro.

No ar um tom de despedida, assim como fez na recente visita aos amigos de Piracicaba e Rio de Janeiro. O sentimento que o cerco estava fechando parecia mais forte para o Chico, sentimento que não era compartilhado até por alguns dos seus amigos próximos, afinal será que alguém teria coragem de terminar com a vida de tamanha liderança?

Conheci pouco Chico Mendes em vida. Meu contato com ele ocorreu durante o 3º CONCURTO, em Belo Horizonte, em 1988, onde fiquei impressionada com sua capacidade de articulação. Um representante dos trabalhadores rurais, oriundo de região afastada do centro das decisões sindicais e com tamanha desenvoltura.

Minha tarefa no Congresso era apresentar os sindicalistas ameaçados de morte aos delegados internacionais, para que se buscasse impedir a consumação de tais ameaças. Não foi fácil segurar o Chico Mendes, porque ele estava mais interessado em articular com os delegados a aprovação da tese das Reservas Extrativistas do que falar das ameaças de morte que vinha sofrendo.

Ao final, Chico participou do Ato durante o Congresso e contou para os delegados que sua luta em favor dos projetos de preservação da sustentabilidade da Amazônia encontrava-se ameaçada por fazendeiros e políticos da região.

Disse ainda que, embora o acusassem de querer engessar a floresta, na verdade ele defendia a produção racional, sobretudo a extrativista. Denunciou a falta de ação do Estado e a impunidade dos responsáveis pelos assassinatos de seus companheiros, entre eles, Wilson Pinheiro e Ivair Higino.

Por fim, em meio a uma concentração de mais de 1,5 mil sindicalistas, na grande maioria urbana e desconhecedora da realidade amazônica, Chico e seus companheiros comemoraram a aprovação do seu nome para a Diretoria da Central, e a vitória da aprovação de sua tese, tendo a CUT no 3º CONCUT assumido em suas Resoluções a defesa das Reservas Extrativistas. Chico também reconheceu a importância do espaço que foi reservado durante o Congresso para os delegados denunciarem as ameaças ao meio ambiente e às suas próprias vidas.

Dias depois, Chico escreveu uma carta para nós, do Setor de Combate à Violência no Campo, dando mais

detalhes das ameaças, seus pedidos de proteção, suas providências e nos falou da contribuição do advogado paranaense, Dr. Genésio de Natividade, que estava ajudando na defesa dos interesses dos Povos da Floresta.

Três meses depois do Congresso, poucos dias antes do Natal, Chico é vítima de emboscada e morre ao receber os disparos da arma assassina.

A pedido da Diretoria, segui na noite de Natal para o Acre para acompanhar as primeiras providências legais. Nesta ocasião conheci pessoalmente o Dr. Genésio e o já falecido Cesário, que atuavam corajosamente naquela região em que a lei do mais forte saía dos tambores dos revólveres e as instituições não eram respeitadas.

O bárbaro e covarde crime intentado contra alguém totalmente impedido de qualquer ação de defesa não silenciou o defensor dos interesses dos povos da floresta, muito pelo contrário, sua voz ganhou o volume e o alcance nunca antes imaginados. Era o início de um novo diálogo, de uma nova Aliança com os Povos da Floresta, na qual modestamente me incluo.

O julgamento de dois dos réus acusados do assassinato de Francisco Alves Mendes Filho iniciou-se no dia 15 de dezembro de 2000 e o Conselho de Sentença proclamou o fim da impunidade para que os matam e mandam matar no Acre. Triste é ainda lembrar que outros sindicalistas que estiveram com Chico Mendes no 3º CONCUR também foram assassinados, como Expedito Ribeiro, assassinado no dia 02 de fevereiro de 1990, em Rio Maria.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.

DISCURSO DE LULA NO ENTERRO DE CHICO MENDES



Foto: Acervo PT

Pouco antes de morrer, o Chico terminou uma entrevista que ele deu ao Jornal do Brasil dizendo o seguinte: “Eu quero ficar vivo para ajudar a salvar a Amazônia, eu não quero morrer, porque esse negócio de ato público depois da morte, esse negócio de grandes enterros, acaba no dia seguinte”.

Esse era o pensamento do velho Chico, há [muito] tempo, pois ele participou junto comigo do ato de solidariedade ao companheiro Wilson Pinheiro, morto em Brasília, dentro do Sindicato [dos Trabalhadores Rurais], no dia 21 de julho de 1980.

O Chico conseguiu juntar a bandeira do direito ao trabalho, do direito à vida dos trabalhadores deste Es-

tado [do Acre] e dessa região [amazônica] com uma luta pela defesa do meio ambiente. Por quê?

Porque preservar o meio ambiente para os trabalhadores que moram na região amazônica, preservar as árvores, as castanheiras, as seringueiras é, na verdade, preservar o direito do feijão e do arroz de cada criança dessa região; porque o gado traz riqueza pro dono do gado, mas não traz sequer carne para os companheiros que trabalham aqui.

E o que o companheiro Chico queria? Ele queria pura e simplesmente que deixassem a mata, que era instrumento de sobrevivência de milhares e milhares de trabalhadores, em paz; que fossem plantar gado noutro lugar, criar gado noutro lugar, mas deixassem aqui a mata, as seringueiras, as castanheiras, pros trabalhadores sobreviverem.

Na TV Globo, o doutor Romeu Tuma, a quem o Chico enviou várias cartas, dizia o quê? Que a culpa do que está acontecendo aqui é da Polícia Militar. Mas nós precisamos dizer que a culpa não é apenas da Polícia Militar, a culpa é de todos eles juntos.

É da Polícia Federal, é da Polícia Militar, da Justiça brasileira, da Presidência da República porque, quando eles inventam que vêm aqui desarmar o povo, quem que eles desarmam? Eles pegam a espingardinha de caçar preá do trabalhador e deixam os fazendeiros com [suas] metralhadoras calibre 12.

O companheiro Chico não ganhou as eleições [para deputado estadual, em 1982 e para prefeito de Xapuri, em 1985] e alguns imaginavam que, a partir daí, ele fosse desanimar. Qual não foi a surpresa deles!

Ao invés de desanimar, a luta do companheiro Chico ganhou outra dimensão. Ele começou a ser reconhecido por organismos internacionais, pelo Banco Mundial, pelo BID, pelo movimento ecológico do mundo inteiro.

Começou (...) a ganhar prêmio, a viajar e a contar [pro] mundo o que acontecia aqui; e começou inclusive a dar palpite, opinião sobre empréstimos que empresas estrangeiras ou bancos estatais iam fazer aqui, e por isso aumentou o ódio dos grandes proprietários contra o companheiro Chico. Aumentou o ódio a ponto de culminar com a morte dele no dia 22.

O quê que essas pessoas imaginam? Será que essas pessoas são tão burras que imaginam que, matando Chico Mendes, mataram a luta do Chico Mendes? Será que eles não percebem, será que esses ricos não têm exemplo na história, será que eles não percebem que esse mesmos grupos de ricos mandaram matar Jesus Cristo há dois mil anos atrás, e o povo não esqueceu as ideias de Jesus Cristo?

Será que esses mesmos não estão lembrados que foram eles que mandaram matar Tiradentes, esquartejar e colocar sua carne pendurada nos postes, para que o povo nunca mais se lembrasse quem era Tiradentes [e] 30 anos depois o Brasil conquistou sua Independência?

Eu queria dizer pra vocês uma coisa bem simples, pra cada um de vocês guardar na cabeça. Vocês conheciam bem o caboclo Chico, vocês sabiam bem o que Chico queria, vocês sabiam o que Chico dizia, vocês sabiam o que o Chico pensava. Pois bem, o que o companheiro Chico, que deve estar no céu nesse instante, espera de

cada um? Ele espera que aumente a coragem e a disposição de luta de cada companheiro.

Ele dizia sempre: “No dia em que eu morrer, meus companheiros vão se dobrar, cada um vai valer por 10 e a luta vai continuar.” E é isso que tem que acontecer. Porque se agora houver, por parte dos trabalhadores e de todos nós, medo e preocupação, o quê que vai acontecer? Eles vão ficar rindo da vida e vão matar mais.

O quê que nós deveremos esperar? Em primeiro lugar, nós achamos que o povo brasileiro quer justiça, [quer] que a polícia prenda esses assassinos do companheiro Chico.

Se é verdade que esses dois sujeitos [Darly e Alvarino Alves] tinham 30 mil hectares aqui; se é verdade que eles eram bandidos em Minas e no Paraná e já vieram fugidos; se é verdade que aqui eles ficaram contratando grileiros e já mataram mais de um trabalhador, e se é verdade que essa propriedade deles pode até ser grilada, o que deveria acontecer como atitude nobre do governo?

O governo deveria desapropriar essa terra e dar para os trabalhadores rurais cultivarem, ao invés de deixá-las ficar nas mãos de bandidos e grileiros; porque, se o governo fizesse isso e cada fazendeiro que manda matar alguém perdesse sua terra, na verdade essas pessoas iriam ter medo de continuar matando trabalhador rural.

Nós precisamos dizer em alto e bom som: o governo precisa começar a investigar cada crime, colocando policiais sérios pra fazer isso, porque nós sabemos que tem muitos policiais que são capachos de fazendeiros na cidade.

É preciso que haja seriedade e vocês sabem, companheiros, pra terminar, que cada um de nós, tanto nós de São Paulo, como companheiros do Acre, de Rondônia, que chegaram aqui agora, sabemos que temos um compromisso sério: é não deixar a coisa agora esfriar, é não deixar, sabe, o que eles querem, que o povo esqueça o companheiro Chico Mendes.

Agora é que nós temos que mostrar pra eles que nós vamos fazer a luta do companheiro Chico Mendes ser conhecida neste país. Agora [é] que vamos arrumar solidariedade, não apenas pra dar sobrevivência para a companheira do Chico e de seus filhos, mas arrumar solidariedade pra dar ajuda concreta à luta dos trabalhadores que defendem a Amazônia, a luta dos trabalhadores que defendem o seringal, a luta dos trabalhadores que defendem a manutenção das castanheiras e a luta dos trabalhadores que brigam por reforma agrária.

A classe dominante tá ficando com medo, porque ela sabe que a classe trabalhadora tá amadurecendo. Ela sabe que a classe trabalhadora tá tomando consciência, ela sabe que aqui hoje tá PV, PT, daqui a pouco chegam companheiros do PMDB, daqui a pouco chegam do PDT, sei lá, o movimento sindical. Ela sabe que tá crescendo a solidariedade e começa a ficar com medo.

Eu acho que é um compromisso dos partidos políticos progressistas, do movimento sindical, da CUT, da CGT, que a gente precisa transformar cada palavra do Chico numa profissão de fé por esse país aí fora. Daqui a pouco eles vão perceber que o que Chico falava aqui e era ouvido apenas pelos companheiros do sindicato

dele vai ser discutido lá no agreste de Pernambuco, lá na Bahia, na favela de São Paulo.

Nós deveremos eleger o companheiro Chico, hoje, (...) como o mártir da classe trabalhadora camponesa desse país, porque o que ele fez foi dedicar 44 anos da sua vida à luta pela liberdade dos trabalhadores. A morte do Chico não foi o fim, ela foi o início da libertação da classe trabalhadora brasileira!

Fonte: PT Nacional.



UMA REVOLTA MUITO GRANDE

Elenira Mendes



Elenira Mendes - Foto: Reprodução

A recordação que tenho de meu pai é um pouco vaga, meio distante. Mas me lembro bem do dia 22 de dezembro de 1988. Daquele dia, eu me lembro muito bem. Acho que foi como uma espécie de despedida, quando ele levou a mim e ao Sandino para passear naquele caminhão novo, que o Sindicato tinha acabado de ganhar. Eu me lembro daquela noite, era por volta das 18 horas, nós estávamos na sala.

Minha mãe dava de comer a mim e ao Sandino no mesmo prato. Lembro que meu pai saiu para tomar banho e aconteceu aquela confusão toda, com os policiais correndo na direção contrária à nossa, a gente correndo para a cozinha e, de repente, ele vem e cai ali, bem na porta do nosso quarto.

Ele tenta dizer Elenira, mas não consegue falar o meu nome. Me lembro dele, ali, no chão, ensanguentado, tentando dizer o meu nome. E esta é uma pergunta que sempre vai viver dentro de mim: o que ele queria me dizer naquele momento? Cresci com essa cena na minha mente e acho que ela jamais vai ser apagada.

Também cresci com uma revolta muito grande contra o Movimento porque, na minha concepção - em que a única lembrança do meu pai era vendo-o, ali, no chão, morrendo - o Movimento tinha causado a perda do meu pai.

O sentimento que eu tinha era de que perdi meu pai por essa luta dos Povos da Floresta, e isso me magoava muito, muito mesmo. Eu era incapaz de compreender como ele amava essa luta, que foi tão importante e tão bonita.

Esse sentimento perdurou até o dia do meu aniversário de 19 anos. Nesse dia, minha tia me mostrou algumas fotos minhas com dedicatórias do meu pai. No verso de uma delas estava escrito: “És a vanguarda da esperança. Elenira, darás continuidade um dia à luta que teu pai não conseguirá vencer.”

Foi como se aquela bala que tocou no peito dele naquele começo de noite, que provocou a perda física da vida dele, estivesse entrando fundo no meu peito. Foi como se ele estivesse me dizendo que era a minha hora de acordar, porque eu tinha uma missão para cumprir. Então fiquei pensando que talvez ali estivesse pelo menos parte da resposta para o que ele tentou e não conseguiu me dizer na hora em que estava morrendo. Isso mexeu muito comigo.

A partir daí, comecei a me envolver com a causa do meu pai; a buscar mais informações sobre o que foi a luta de Chico Mendes; a querer saber mais sobre o legado que ele tinha deixado não só para mim, Elenira, como filha, mas para toda a juventude do futuro, como ele deixou escrito naquele recado tão bonito aos jovens em geral, a mim, ao Sandino, à Angela.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.



O TIRO QUE ESTOUROU NO OUVIDO DO MUNDO

Zuenir Ventura

“O país que produziu alguns dos mais famosos mitos olímpicos e dionisiacos deste século – Pelé, Tom Jobim, Ayrton Senna, Ronaldinho – criou também um herói trágico e transformou-o no protomártir da causa ecológica, um homem que precisou morrer para ser conhecido em sua pátria, ele que já era, como escreveu The New York Times, “um símbolo de todo o planeta”.

De fato, o seringueiro Chico Mendes foi quem mobilizou não só o Brasil, mas também o mundo para a defesa da floresta amazônica, à qual acabaria dando sua vida. Certo de que estava marcado para morrer, ele não só denunciou a trama, como achava que morreria em vão. “Se descesse um enviado dos céus e me garantisse que minha morte iria fortalecer nossa luta, até que valeria a pena. Mas ato público e enterro numeroso não salvarão a Amazônia. Eu quero viver.”

Ele disse isso e, pouco depois, às 18h45 do dia 22 de dezembro de 1988, foi assassinado aos 44 anos, na porta da cozinha de sua casa em Xapuri, uma pequena cidade de cinco mil habitantes no estado amazônico do Acre. ‘Ele vinha com as mãos na cabeça, todo vermelho de sangue’, contou Ilzamar, que ouviu um estouro e correu para o marido. ‘Quando eu quis pegar no seu braço, ele caiu e ficou se debatendo. Aí vi que estava morrendo’.

Além de 18 perfurações no braço, ele fora atingido no peito direito por 42 grãos de chumbo de uma espingarda de caça. O autor confesso do disparo, Darci, era filho de Darly Alves da Silva, o fazendeiro mandante do crime. Só então, e diante da grande repercussão internacional, é que o Brasil começou a desconfiar, cheio de culpa, que tinha perdido o que se custa tanto a construir: um verdadeiro líder.

Como um Gandhi dos trópicos, Chico organizou pacificamente os seringueiros para lutar pela preservação da floresta, que vinha sendo derrubada no Acre desde a década de 1970 para dar lugar às grandes pastagens de gado. O movimento de resistência usava uma tática simples e eficaz: o empate, que consistia em impedir os desmatamentos, colocando os seringueiros, seus filhos e mulheres, todos desarmados, entre os peões armados de serras e as árvores.

Hábil político e homem de diálogo, Chico conseguiu também desfazer uma inimizade histórica entre seringueiros e índios, que sob sua influência se aliaram numa grande frente conhecida pelo nome de Povos da Floresta. Condecorado pela ONU e respeitado pelas organizações internacionais de proteção ao meio ambiente, Chico demonstrou que era possível promover um desenvolvimento racional para a floresta amazônica, sem transformá-la em santuário intocável, mas também sem devastá-la.

Criou para isso o projeto de reservas extrativistas, espaços para garantir os direitos mínimos que os seringueiros nunca haviam tido: escola, postos de saúde, melhores condições de comercialização de seus produ-

tos, maior produtividade de extração, segurança contra as ameaças de expulsão dos latifundiários.

Chico sabia que precisava de aliados, não podia ficar isolado em Xapuri lutando contra poderosos interesses de fazendeiros e pecuaristas. Alguns antropólogos e representantes de entidades ambientalistas dos Estados Unidos e da Europa se encarregaram de projetá-lo no circuito internacional.

Em 1987, ele foi o primeiro brasileiro a receber o prêmio Global 500 das Nações Unidas, em Londres. No ano seguinte foi convidado a participar da reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Com a mesma desenvoltura com que andava nas ruas toscas de Xapuri ou pelas espessas matas da floresta amazônica, Chico passou a se movimentar por cidades como Nova York, onde chegou a se hospedar no mesmo hotel em que estava o então presidente Ronald Reagan. Os convites de viagens se sucediam, e sua causa ficou conhecida no mundo.

Na reunião do BID, ele convenceu os conselheiros do banco a suspenderem os financiamentos para a construção de uma grande rodovia no Acre, argumentando que sem as devidas precauções ambientais a iniciativa seria um atentado à floresta, aos seringueiros e aos índios.

Se por um lado o prestígio externo reforçou a sua luta interna, por outro, pode ter contribuído para sua desgraça.

Aplaudidas pelo BIRD, pelo BID e pelo Congresso americano, suas ideias enfrentavam a oposição violenta dos latifundiários, dos madeireiros e dos grandes proje-

tos agropecuários que vivem do desmatamento desordenado da Amazônia.

A fama que ele alcançara junto a instituições e entidades estrangeiras, o seu carisma, tudo isso aliado aos incômodos empates que organizava em Xapuri, devem ter dado a seus inimigos a certeza de que a única maneira de barrar sua ação catalisadora era a morte.

Por isso ele sabia que seria assassinado e denunciou incansavelmente a ameaça ‘Não quero flores no meu enterro, pois sei que vão arrancá-las da floresta’, escreveu no dia 5 de dezembro numa mensagem-despedida. ‘Quero apenas que meu assassinato sirva para acabar com a impunidade dos jagunços, sob a proteção da Polícia Federal do Acre e que, de 1975 para cá, já mataram mais de 50 pessoas.’

Poucas vezes a polícia brasileira contou com uma lista tão completa de acusados, fornecida pela própria vítima. Nem isso, porém, serviu para impedir a morte anunciada. Chico Mendes acertou quando afirmou que ia ser morto, mas errou ao achar que sua morte poderia ser inútil.

Se ela não salvou a Amazônia, serviu pelo menos para intensificar o debate planetário sobre o destino da região. E mais esse assassinato, antecedido por dezenas de execuções de outros líderes rurais, terá servido para denunciar que em um rico e extenso país ainda se mata por questões de terra. Aquele estouro que Ilzamar ouviu chegou ao mundo todo. Nunca um tiro dado no Brasil ecoou tão longe.”

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.

UMA GUERRA QUE NÃO ACABOU

Sabá Marinho

O Chico sempre disse assim: “Arma não me intimida, eu não quero ser é covarde.”

O Chico nunca quis fazer uma luta violenta, ele sempre quis a paz, sempre quis que a gente resolvesse na paz, esse era um dos pontos que ele mais defendia. Inclusive quando a gente às vezes queria ficar enfezado, ele dizia: “Espera aí, companheiro, eu não quero ver sangue derramado, eu quero é dialogar.” Ele era homem do diálogo.

Quando eu estava lá no seringal e o Chico sabia que tinha gente me esperando no caminho para me matar, ele mandava um bilhete dizendo para que eu não passasse no caminho tal, porque tinha alguém esperando pra me matar. Aí eu não vinha. Fui muito ameaçado, e meu filho foi baleado numa tocaia porque os caras diziam que se pegasse um da minha família já era alguma coisa, mas por felicidade o tiro pegou só no braço dele.

Depois da morte do Chico eu tenho pra mim que essa guerra ainda não acabou, o fato do Darly estar solto, para todos nós representa grande perigo. Quando o Darly Alves diz na televisão que o Chico não foi morto, que foi ele quem se matou, isso é uma ameaça a nós que estamos vivos. Pra mim, o que ele está querendo dizer é: “Não mexam comigo, porque eu não mato, vocês é que se matam, e tem mais gente que ainda vai acabar morrendo por conta dessa história”.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.

NINGUÉM PODE MATAR UM SONHO

Antonio (Toinho) Alves

Chico Mendes teve um sonho. Neste sonho, Chico visitou o mundo do futuro e gostou muito do que viu. Muita fartura, uma floresta bonita, o povo feliz, crianças com saúde, todos trabalhando com alegria.

Para transformar seu sonho em realidade, Chico Mendes trabalhou muito. Organizou sindicato, Conselho Nacional dos Seringueiros, cooperativa. Lutou para criar e organizar as Reservas extrativistas. O trabalho de Chico ia crescendo e iam crescendo também as escolas do Projeto Seringueiro. Chico sabia da importância das escolas na conquista de um futuro melhor.

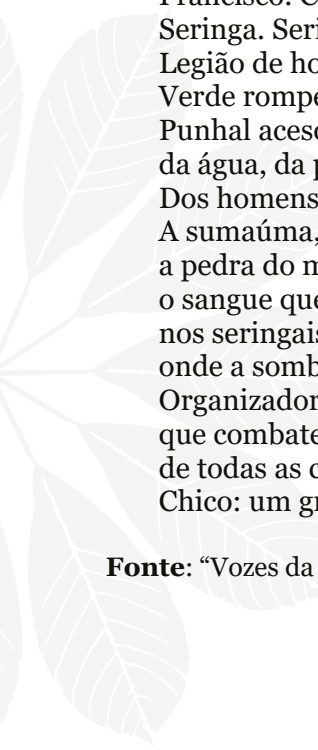
Por isso dizemos sempre que Chico Mendes está vivo. Ele continuará vivo enquanto houver uma escola na floresta, uma criança aprendendo a ler, um seringueiro cortando, uma reunião do Sindicato, um forró, uma pescaria. Chico Mendes está vivo e estará conosco no futuro que sonhou. Porque ninguém pode matar um sonho.

Fonte: CTA - Acervo Histórico.



O GRITO VERDE QUE ANDA

Pedro Tierra



Francisco. Chico. Chico Mendes.
Seringa. Seringueiro. Seringal.
Legião de homens e sonhos.
Verde rompendo o verde.
Punhal aceso na memória
da água, da pedra, da madeira.
Dos homens?
A sumaúma, a seringueira,
a pedra do monte Roraima,
o sangue que mina do tronco
nos seringais de Xapuri indagam:
onde a sombra exilada de Chico Mendes?
Organizador dos ventos gerais
que combatem depois das cercas,
de todas as cercas da Terra...
Chico: um grito verde que não cessa.

Fonte: “Vozes da Floresta”, 1a edição, editora Xapuri, 2008.



Imagem: STR de Xapuri

ERRO DE AVALIAÇÃO

Gomercindo Rodrigues



Foto: Acervo CTA

A morte do Chico foi um erro de avaliação dos fazendeiros. Os caras acharam que ia acontecer em Xapuri o mesmo que aconteceu em Brasília quando mataram o Wilson Pinheiro.

Só que o próprio Chico já tinha dito várias vezes: “Se eu morrer, nós temos que mostrar que vai ter mais 300 Chico Mendes”. Todos nós assumimos o compromisso de continuar o trabalho dele.

Decidimos que não ia ter mais uma liderança para ser forte e dividimos o trabalho por todo mundo. Foi isso o que os companheiros fizeram. Ficou todo mundo

sobrecarregado, foi difícil no começo, mas o Movimento continuou em pé.

Quanto ao Chico, o único erro de avaliação dele foi quando, em sua última entrevista, disse que se a morte pudesse ajudar a salvar a Amazônia, ele morreria de bom grado, mas que enterro não ia salvar a floresta.

Chico está vivo porque nós continuamos trabalhando com o mesmo ideal dele: erramos no meio do caminho, tropeçamos muitas vezes, mas seguimos trabalhando. A gente trocaria tudo o que conquistamos para ter o Chico aqui hoje, porque com ele entre nós nossa organização estaria mais forte, mais coordenada, e com muito mais aliados.

Porque nenhum de nós, nem individualmente, nem juntando todo mundo, conseguimos fazer o que o Chico fazia. Mas nós nos transformamos em 300 Chico Mendes e conseguimos fazer com que o Movimento não caísse. Chico Mendes Vive!

Fonte: “Caminhando na Floresta com Chico Mendes”, editoras UFAC/Xapuri, 2015.





Foto de Antonio Lara/Agência O GLOBO/ Comitê Chico Mendes

SENADO FEDERAL
SECRETARIA DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES

Rafael André Vaz Chervenski
DIRETOR

Luiz Carlos da Costa
COORDENADOR-GERAL

Ricardo Abril Marinho
ASSESSOR TÉCNICO

Rodrigo César de Melo Barbosa
GESTOR DE ATENDIMENTO

Tatiana Nassif Derze
COORDENADORA DE PRÉ-IMPRESSÃO

André Said de Lavor
COORDENADOR DE IMPRESSÃO

André Luiz Rodrigues Santana
COORDENADOR DE ACABAMENTO E EXPEDIÇÃO

Aloysio de Britto Vieira
COORDENADOR DE EDIÇÕES TÉCNICAS

Márcio de Holanda Meireles Viana
GESTOR DE PRODUÇÃO

A questão da Amazônia consiste na defesa dos Povos da Floresta. Consideramos a questão da Amazônia um problema sério, que não passa mais, hoje, pelo discurso, e sim pela prática que temos que desenvolver daqui pra frente. A Amazônia está ocupada. Em todos os recantos há indígenas, há gente trabalhando, tirando borraça e, ao mesmo tempo, lutando pela conservação da natureza. Queremos propiciar uma política que garanta o futuro desses trabalhadores [e dessas trabalhadoras], que há séculos vivem na Amazônia e a tornam produtiva ao mesmo tempo. Enquanto existirem índios e seringueiros na selva amazônica, há esperança de salvá-la. Esperamos que as pessoas que lutam em defesa da Amazônia possam realizar um trabalho que, de fato, consiga trazer uma esperança. Acredito que cada um [e cada uma] de nós tem uma missão e um compromisso muito importante em relação à defesa desta região. Essa luta não é só dos trabalhadores [e das trabalhadoras]: ela é de toda a sociedade brasileira.

Chico Mendes

PARCERIA



O assassinato de Chico Mendes tem componentes extremamente complexos, que vão muito além da versão oficial, abraçada pela mídia, de que Chico Mendes foi morto por vingança, porque perseguia Darly Alves, o que motivou sua ação, segundo o depoimento de Darci Alves Pereira, o filho, condenado como o executor de Chico Mendes. Essa versão era, naquele momento, a mais interessante, porque encerrava o Caso Chico Mendes, deixando-o totalmente esclarecido, pois apresentava executores e mandante, nada mais havendo a investigar. Que Darly possa ter sido incentivado a determinar a morte de Chico Mendes é absolutamente provável, mas de tê-lo feito sem nenhum tipo de apoio ou incentivo, isso já se torna bastante questionável, porque ele não defendia só os seus interesses na questão do Seringal Cachoeira. Para a mídia e para os governos de então, encerrado o caso como o foi, pôde-se deixar de responder a muitas perguntas que ainda hoje se mantêm cristalinas e às quais os canais oficiais não procuram responder.

Chico Mendes é, no Brasil, o Patrono Nacional do Meio Ambiente. Portanto, nada mais justo do que destacar, na COP 30, a memória e o legado do maior ambientalista brasileiro de todos os tempos. Esta coletânea, “Chico Mendes na COP 30”, contribui com este objetivo. São livros simples, organizados a partir de depoimentos e textos escritos por companheiros e companheiras de Chico Mendes, ao longo do tempo. Que sua leitura possa envolver corações e mentes com a paz planetária um dia sonhada por Chico Mendes.



9 786556 766546



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato
digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

